



SOCIALIZAÇÃO DE VALORES PARENTAIS

Fernanda Palhares

Tese de Doutorado

Porto Alegre/RS, 2021

SOCIALIZAÇÃO DE VALORES PARENTAIS

Fernanda Palhares

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas coorientação do Dr. Jonatan Richard Henry Tudge.

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia do Desenvolvimento
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Dezembro, 2021**

The Master said [explaining five practices necessary to implement humanity]: “Courtesy, tolerance, good faith, diligence, generosity. Courtesy wards off insults; tolerance wins all hearts; good faith inspires the trust of others; diligence ensures success; generosity confers authority upon others” (Analects 17.6, translated by Leys, 1997).

Para Renato, Luiza:

Por serem indispensáveis no meu percurso.

AGRADECIMENTOS

Uma tese muitas vezes é um trabalho solitário, principalmente na parte da escrita, onde precisamos colocar em palavras todo um percurso. Solitário. Mas apesar do momento da escrita ser um processo entre pesquisador e dados, existe todo um entorno que é de fundamental importância para que o pesquisador possa se retirar e viver para sua tese. E todo esse entorno é feito de pessoas especiais e instituições que nos auxiliam e asseguram o sucesso desse momento. São essas pessoas e instituições que agradeço agora.

Em primeiro lugar, agradeço ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradeço aos professores e funcionários que colaboram para que, diariamente, os alunos possam compartilhar de um ensino de excelência. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsas que tornam possíveis o crescimento da ciência em nosso país.

À minha orientadora, amiga e conselheira Prof. Dra. Lia de Lucca Freitas. Sua ajuda no meu caminho sempre será inestimável. Agradeço por sua disponibilidade aberta, por acreditar e contribuir tão profundamente com minha trajetória nos últimos 13 anos. Agradeço também ao LAPEGE – Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética que me abriu suas portas e me acolheu desde o início de minha graduação.

Ao meu coorientador, Prof. Dr. Jonathan Richard Henry Tudge, por seus conselhos e visão macro sobre meus dados e por fornecer um ambiente descontraído e cheio de risadas.

Agradeço à toda equipe do DOGMAS que permitiu a realização do projeto: Andressa, Jaqueline, Rhana, Monique, Cristine, Giovana e Letícia, o trabalho de vocês foi imprescindível para o projeto.

Um agradecimento especial para as escolas que abriram suas portas e confiaram em nosso trabalho. Agradeço aos diretores, professores, coordenadores e alunos que se empenharam para que eu atingisse meu objetivo.

Muito obrigada à todas as famílias que participaram do estudo e que abriram suas casas para receber nossos pesquisadores. A acolhida que recebemos foi preciosa.

Henrique Luzzardi e Sandro Groismann, com designs maravilhosos e aulas de estatística. Além de muito amor envolvido. Minha irmã Tânia Palhares e sua ajuda com a logística diária que me concedeu muito tempo livre para trabalhar. Minha amiga de coração Andrea Brasil Collingwood, por conversas e incentivo ao longo do trajeto.

Por fim, agradeço a sorte de ter comigo o Renato Spagnoli, meu marido, parceiro, revisor de escrita e maior admirador. Teu amor e incentivo tornaram meus dias mais leves. Luiza Palhares Spagnoli (Luli), mais que agradecer por tua paciência e compreensão, tenho que me desculpar: desculpa por todas as ausências e falta de tempo e ânimo. Estou chegando ao final filha. E teu amor está presente o tempo todo em meu coração. Amo vocês.

APRESENTAÇÃO

A presente tese é resultado de um trabalho que iniciou na graduação no ano de 2007, quando passei a integrar o Laboratório de Psicologia e Epistemologia Genética (LAPEGE) sob a coordenação da Prof. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas. Inicialmente, o foco do meu trabalho no LAPEGE recaiu sobre o tema do desenvolvimento da gratidão em crianças e adolescentes (Castro et al., 2011)¹ e, com o tempo, foi sendo ampliado até chegar, nos dias atuais, aos estudos sobre o desenvolvimento de valores de uma forma mais ampla.

No início de minha graduação acreditava que o trabalho de um pesquisador era formular uma questão de pesquisa, dar início a uma investigação que produzisse conhecimento sobre o tema e compartilhar as descobertas realizadas. De forma resumida, imaginava que eu formularia uma pergunta e obteria a resposta. Entretanto, com o passar dos anos, acabei descobrindo que, apesar de conseguirmos obter algumas respostas, uma pesquisa dispara uma série de novas questões e inquietações e, com isso, propicia a continuidade do processo de pesquisa. Todos os projetos em que trabalhei acabaram por plantar dúvidas e por refinar meus estudos em determinada direção.

Depois de trabalhar no projeto que versava sobre o desenvolvimento da gratidão, participei de um projeto de pesquisa que investigava também o desenvolvimento dos valores materiais (Freitas et al., 2016). Esse trabalho, por sua vez, originou minha dissertação de mestrado, a qual buscava examinar a relação entre materialismo e qualidade de vida na adolescência (Palhares & Freitas, 2017).

Minha pesquisa de mestrado trouxe várias respostas que ratificaram minhas hipóteses. Adolescentes mais materialistas apresentavam menores níveis de qualidade de vida (Palhares & Freitas, 2017; Palhares et al., 2018). Nesse momento, a pergunta que surgiu foi: “Por que alguns adolescentes são muito mais materialistas que outros? Como se formam esses valores?”

¹ Na maioria das publicações, assinei como Fernanda Palhares; em algumas, Fernanda Maria Palhares Castro.

No período de janeiro de 2015 a junho de 2017, trabalhei no LAPEGE como gerente do projeto DOGMAS. O estudo buscava conhecer, além do desenvolvimento da gratidão e do materialismo em crianças e adolescentes, os valores de seus pais e quais valores eles acreditavam serem importantes que seus filhos desenvolvessem. Meu trabalho nesse estudo abriu a possibilidade de aprofundar minha questão oriunda do mestrado.

O objetivo desta tese é compreender quais valores os pais têm para si e quais estão elegendo para socializar seus filhos. A presente tese é parte de um projeto maior, intitulado “Gratidão, bem-estar e a redução do materialismo: Um estudo transcultural do desenvolvimento do caráter em crianças e adolescentes (Projeto DOGMAS).” O projeto foi realizado em parceria com a *University of North Carolina at Greensboro* (EUA) com apoio da *John Templeton Foundation (Research Award # 43150)*. Esse projeto deu origem a várias publicações nacionais e internacionais, e eu fui co-autora de diversos desses artigos e capítulos de livro (Freitas et al., 2019; Mendonça & Palhares, 2017; Palhares et al., 2018; Payir et al., 2018).

Gostaria ainda de destacar a importância dos valores no momento em que vivemos. Desde o início do ano de 2020, o mundo vem sofrendo com a pandemia do COVID-19. Desde o mês de março de 2020, em minha cidade, estamos em isolamento social, o que impactou a vida da população. Às nossas atividades rotineiras, somaram-se o cuidado da casa, um maior envolvimento com as tarefas escolares dos filhos, os trabalhos *on-line* e ainda os maiores cuidados com a saúde. Acompanhar as notícias mundiais com certeza me fizeram pensar ainda mais sobre valores. Acredito que nesse momento se pudermos exercer empatia, solidariedade e cooperação, poderemos sair indivíduos melhores dessa crise. Investir em valores pode ser uma boa resposta para o enfrentamento da situação atual. Dessa forma, espero que o presente trabalho possa auxiliar nesse sentido.

Lista de Figuras

Figura 1. <i>Modelo conceitual dos diferentes tipos de self</i>	25
Figura 2. <i>Modelo dos 19 valores de Schwartz (adaptado de Schwartz et al., 2012)</i>	31
Figura 3. <i>Modelo dos 19 valores de Schwartz (adaptado de Schwartz et al., 2012)</i>	73
Figura 4. <i>Descrição dos tipos motivacionais por dimensão (adaptado de Schwartz, 2012)</i>	74
Figura 5. <i>Agência, distância interpessoal e tipos de self</i>	76
Figura 6. <i>Possibilidade de similaridade entre VPP e VDF</i>	77
Figura 7. <i>Frequência dos valores que os pais consideram mais importantes para seus filhos</i>	81
Figura 8. <i>Correlação e agrupamento entre VPP e VDF</i>	82

Lista de Tabelas

Tabela 1. <i>Cargas fatoriais dos itens da escala RASH.....</i>	62
Tabela 2. <i>Análise de medida de invariância em fatorial confirmatória multigrupos</i>	63
Tabela 3. <i>Médias e desvio-padrão dos escores RASH.....</i>	64
Tabela 4. <i>Correlações entre os níveis de escolaridade e os escores da RASH.....</i>	65
Tabela 5. <i>Correlação entre PVQ-RR e RASH.....</i>	82

Sumário

Lista de Figuras	9
Lista de Tabelas	10
Capítulo I: Introdução Geral	14
1. Socialização de valores	14
1.1. Transmissão ou socialização?	15
2. O estudo dos valores sob a ótica do desenvolvimento humano	16
3. A mudança dos valores dentro do processo de socialização parental	19
4. Valores em diferentes culturas: abordagem teórica.....	21
4.1. O modelo de agência e distância interpessoal	22
4.1.1 Estudos no Brasil.....	26
4.1.2. As escalas de medida de agência e distância interpessoal.....	27
4.2. Valores humanos básicos	28
4.2.1. Escalas e estudos no Brasil.....	32
5. Justificativa e Objetivos	32
Capítulo II: ESTUDO I.....	39
Análise fatorial confirmatória da escala RASH – Related, Autonomous, Separated, Heteronomous.....	39
Introdução.....	39

Método.....	47
Resultados	49
Dicussão	51
Considerações finais	53
Referências	54

Capítulo III: ESTUDO II66

Socialização de valores parentais e mudanças nos valores desejados para os filhos	66
Introdução.....	68
Importância dos valores.....	69
Socialização de Valores.....	70
Pesquisas em Valores	71
A escala de valores pessoais de Schwartz	72
As escalas do modelo de autonomia-relação de Kağıtçıbaşı.....	75
A escala RASH – Relação, Autonomia, Separação e Heteronomia.....	76
Valores pessoais e valores culturais: desafio em psicologia	77
Método	78

Participantes	78
Instrumentos	78
Procedimentos de coleta de dados.....	79
Procedimentos de análise dos dados	79
Resultados	80
Estatísticas descritivas.....	80
Valores pessoais dos pais e valores que desejam para seus filhos	81
Discussão.....	83
Considerações finais.....	85
Referências	86
Discussão Geral da Tese	95
Referências	99

Capítulo I: Introdução Geral

Os valores que os pais têm como importantes para suas vidas estão relacionados com os valores que eles acreditam serem importantes para o desenvolvimento de seus filhos? Existem influências culturais sobre os valores elencados? Essas perguntas surgiram quando estudava a relação entre materialismo extremo e satisfação de vida em adolescentes. Muitos estudos ao redor do mundo encontraram uma correlação negativa entre altos índices de materialismo e desempenho acadêmico, saúde mental e bons relacionamentos sociais (Chaplin et al., 2019; Foad et al., 2020; Kasser, 2018; Wang et al., 2017). Minha pesquisa encontrou resultados semelhantes (Palhares & Freitas, 2017; Palhares et al., 2018). E esses mesmos resultados impulsionaram meus estudos na direção de compreender como esses valores são desenvolvidos. Acredito que conhecer o que os pais valorizam para si e para seus filhos e qual a relação desses valores com a cultura em que estão inseridos pode auxiliar a promover o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. A base desse entendimento está no que chamamos de socialização de valores.

1. Socialização de valores

Diferentes áreas do conhecimento se ocupam de conhecer e aprofundar os estudos sobre a importância da socialização de valores, como sociologia, antropologia e psicologia, cada qual com distintas ênfases (Gecas, 2001). Na sociologia interacionista os valores são vistos como resultado da interação entre indivíduos e sociedade e na antropologia o interesse recai sobre a geracionalidade (como os valores passam de geração a geração). Por sua vez, a psicologia se ocupa de entender a socialização como um processo de construção entre indivíduos de uma determinada cultura, em determinado período histórico (Gecas, 2001). Entretanto, o conceito de socialização serve como base comum para distintos campos de estudo:

Refere-se ao processo de influência social pelo qual uma pessoa adquire a cultura ou subcultura de seu grupo e, no curso da aquisição desses elementos culturais, o eu e a personalidade do indivíduo são moldados. A socialização, portanto, aborda dois importantes problemas da vida social: o problema da continuidade societária e o problema do desenvolvimento humano (Gecas, 2001, p. 14525).

Na literatura, o estudo sobre a construção de valores é referenciada por diferentes terminologias. As expressões mais utilizadas são “Transmissão” e “Socialização”. É importante destacar que embora se relacionem, essas palavras também podem trazer visões distintas para o entendimento do desenvolvimento de valores.

1.1. Transmissão ou socialização?

Até a década de 1990 muitas pesquisas buscavam investigar a transmissão de valores que ocorria de pais para filhos. Acreditava-se em uma transmissão intergeracional de valores na qual havia uma reprodução dos valores de gerações passadas, ou seja, estudos sugeriam que os valores que os pais tinham para si seriam os mesmos que serviriam para seus filhos (Tam & Chan, 2015). Strauss (1992) denominou de “*fax model*” a ideia que implica em uma reprodução, uma cópia direta de valores de pais para filhos. Nessa época o termo então utilizado era a “transmissão” de valores, o que refere a esse padrão de cópia.

Certamente existe uma correlação positiva entre os valores que os pais têm para si e os valores que desejam que seus filhos desenvolvam (Knafo-Noam et al., 2020). Algumas pesquisas inclusive atentam que pais buscam ambientes escolares de acordo com seus valores pessoais de forma a evitar que seus filhos entrem em contato com valores conflitantes (Della Giusta et al., 2017; Knafo-Noam et al., 2020). O estudo de Della Giusta et al. (2017) realizado no Reino Unido avaliou uma modelagem de transmissão de valores pelos pais e pela escola, cujos resultados indicam que, se os valores passados no ambiente escolar forem distintos dos valores familiares e dos valores da comunidade a qual a família pertence, os pais preferem que seus filhos mantenham seus valores, ainda que isso signifique menos acesso a uma boa educação e possa acarretar prejuízos acadêmicos para o futuro de seus filhos.

Entretanto, Piaget (1973) já definia que uma escala de valores é composta de um conjunto de valores que nos direciona aos nossos objetivos, podendo ser analisadas como válidas em determinado momento. É na adolescência que o indivíduo se torna apto a refletir sobre os valores aprendidos, de contestar os valores da cultura e de questionar esses valores (Freitas et al., 2016). Nesse sentido, como ocorreriam mudanças se nossos valores fossem simples cópias?

A pergunta nos leva ao que chamamos de socialização de valores e está relacionada aos valores que os pais gostariam que seus filhos desenvolvessem. Cabe

salientar que estudos atuais utilizam ainda as duas nomenclaturas: transmissão e socialização e hoje em dia ambas possuem o significado de construção e não mais de valores pré-determinados. Optou-se, neste trabalho, utilizar o termo socialização de valores, por entender que representa de forma clara esta interação entre indivíduos e seu ambiente cultural, sendo um processo bidirecional.

Neste sentido, um dos papéis importantes da socialização de valores é que ela contribui para a formação da personalidade dos indivíduos e do sentimento de pertencimento a determinada cultura, sendo crucial no estabelecimento de laços entre as pessoas (Pescaru, 2019). A socialização de valores pode ser compreendida como um processo, sendo fundamental nos primeiros anos do desenvolvimento humano e se estendendo ao longo da vida (Lewis-Smith et al., 2020).

2. O estudo dos valores sob a ótica do desenvolvimento humano

Partindo-se da noção de que é possível olhar a socialização de valores através de vários ângulos, o interesse maior nesta tese é em relação à contribuição da psicologia do desenvolvimento para esse entendimento. Uma vez que os valores são construídos pelos indivíduos ao longo da vida, é importante que se atente aos processos evolutivos que tal construção envolve. Contrariando a ideia de cópia, estudos realizados nas últimas décadas enfatizam a concepção de um papel ativo de crianças e adolescentes como agentes dos processos de socialização de valores (e.g., Bi et al., 2018; Rootalu & Kasearu, 2016).

Os valores que os indivíduos consideram significativos para sua vida não são inatos, e sim construídos ao longo do desenvolvimento. Desde a infância, diferentes tipos de valores (materiais, sociais, morais) integram os sistemas de valores que a criança constrói em interação com o seu mundo (Freitas, 2003; Palhares & Freitas, 2017; Siqueira et al., 2017). A assimilação pela criança dos valores de seu grupo cultural é mediada pelos adultos com os quais ela convive, especialmente os seus pais (Freitas et al., 2016). Nas últimas décadas, o processo de como se dá essa assimilação foi sendo investigado e abrindo espaço para novos entendimentos na área.

A vida humana ocorre em ciclos sucessivos onde, para cada etapa, diferentes habilidades são necessárias e vão estruturando como o indivíduo pensa e se comporta em cada contexto e em cada fase do ciclo vital. As escolhas que cada um realiza estão relacionadas com aspectos individuais, familiares e culturais (Pescaru, 2019). O ser humano não nasce sabendo escolher e a base para as escolhas que realizará no futuro

estão diretamente ligadas aos valores que ele possui. Segundo Piaget (1965/1973), os valores se constroem na interação entre os indivíduos. Nas fases iniciais do desenvolvimento da criança, o contato com os valores do seu meio vai possibilitando o entendimento e a assimilação desses valores, e esse processo culmina, juntamente com o desenvolvimento da autonomia. Os indivíduos ao formularem suas escalas de valores, estão exercendo sua capacidade de elencar objetivos, definir prioridades e realizar escolhas para o atingimento de suas metas, sendo a escala de valores de um indivíduo sua razão de ser (Piaget, 1954/2005).

Além de possibilitar escolhas, os valores também podem ser preditores para o futuro, indicando melhor ou pior qualidade de vida ainda na infância. Os valores materiais extremos são um exemplo de prejuízo e que têm acometido em grande parte crianças e adolescentes (Ladeira et al., 2016). A ânsia por posses materiais como forma de obter pertencimento e aceitação pode levar a quadros de depressão, ansiedade, baixa autoestima e prejuízos acadêmicos ainda na infância (Chaplin et al., 2019). Além disso, adolescentes mais materialistas apresentam menores níveis de satisfação com a família e escola e são mais propensos a se envolver com violência (Palhares & Freitas, 2017).

Em contrapartida, estudos apontam para a importância do desenvolvimento da gratidão como um bom preditor de qualidade de vida, auxiliando inclusive a reduzir os níveis extremos de materialismo (Chaplin et al., 2019; Freitas et al., 2019). Crianças e adolescentes mais gratos são menos hedonistas e mais propensos a comportamentos pró-sociais que fortalecem os vínculos humanos, além de apresentarem menos dificuldades emocionais e aumento da satisfação com a vida (Kiang et al., 2018; You et al., 2018). Conhecer quais os valores os pais consideram importantes para seus filhos pode auxiliar na elaboração de programas que fomentem um bom desenvolvimento em crianças e adolescentes e que auxiliem em melhores níveis de qualidade e satisfação com a vida de gerações futuras.

O desenvolvimento humano ocorre dentro de determinada cultura, sendo demandadas especificidades ao desenvolvimento dos indivíduos que nela estão inseridos e, assim como a cultura tem impacto no desenvolvimento humano, o oposto também é verdadeiro, sendo um processo bidirecional. Um exemplo pode ser visto nas mudanças nos papéis de gênero: as mulheres nas últimas décadas vêm conquistando direitos dentro da sociedade, como maior acesso à escolarização e mercado de trabalho, implicando em mudanças no sistema familiar e, em muitos casos, na redução da taxa de

natalidade, impactando na questão demográfica da população (Albert & Trommsdorff, 2014; Averett et al., 2017).

As mudanças socioeconômicas em um país ou região podem levar a um crescimento tecnológico, comercial e educacional que, por sua vez, podem impactar na importância do aumento da educação formal, tornando-se esse um valor a ser compartilhado entre gerações (Heath & Jayachandran, 2017). A ênfase das abordagens desenvolvimentais dentro de estudos que envolvem diferentes culturas ainda não é um consenso, mas sua importância vem crescendo, uma vez que permitem compreender “por que certo tipo de desenvolvimento humano ocorre em um contexto familiar específico e por que este modelo familiar ocorre em um tipo particular de contexto socioeconômico e sociocultural” (Kağıtçıbaşı, 2007, p.3). Compreender o desenvolvimento e funcionamento humano requer o entendimento sobre o impacto de variadas culturas para esse processo (Gomes et al., 2018). O estudo do desenvolvimento deve abarcar aspectos genéticos, biológicos, psicológicos e sociais dentro de determinados contextos socioculturais (Martins & Vieira, 2010; Uzefovsky et al., 2016).

Hoje, vive-se em um mundo globalizado o que significa que se está sobre a influência de uma cultura também global, e essa afeta principalmente o desenvolvimento da população mais jovem (Swadźba, 2020). Segundo Inglehart (2010) o mundo globalizado trouxe mudanças de ordem econômica, política e em aspectos da integração dos indivíduos à sociedade. O crescente conhecimento acerca do desenvolvimento humano coloca o indivíduo como ativo em seu meio e responsável por sua interação com o meio, afetando-o e sendo afetado por ele (Barni et al., 2011). Sendo assim, torna-se difícil visualizá-lo como mero doador-receptor de valores. As crianças não mais são vistas como receptáculos dos desejos e valores dos pais, mas como indivíduos em interação que impactam e são impactados pelo meio em que vivem (Darling et al., 2007). Entretanto, ainda não conseguimos dar conta da diversidade sociocultural que temos no mundo. Tomlinson e Swartz (2003), em uma revisão de literatura, buscaram artigos sobre desenvolvimento e comportamento infantil publicados entre 1996 e 2001. Os resultados foram classificados por continente do primeiro autor e por região de coleta de dados. Nas duas classificações, de um total de 764 artigos, 77% eram norte-americanos. Tudge et al. (2018) enfatizam que a maioria dos achados em psicologia do desenvolvimento pertencem as “*WEIRD societies*” (*Western, Educated,*

Industrialized, Rich and Democratic). É um dado importante e que destaca a relevância deste estudo, auxiliando a compor dados sobre países não contemplados na sigla acima.

Esse é o cenário que o presente estudo busca ampliar: a ciência para além das “*WEIRD societies*”. Compreender como se dá a socialização de valores parentais tendo o desenvolvimento humano como pano de fundo. Além do foco no desenvolvimento humano, nosso interesse está nos valores que os pais desejam que seus filhos desenvolvam. Para conhecermos como ocorre a socialização de valores, é interessante haver uma medida do que os pais valorizam em primeira instância. Os pais são figuras importantes nesse sentido e muitos são capazes de discernir entre quais valores são importantes em suas vidas e quais valores os filhos necessitam para interagir na sociedade e precisam gerenciar esses dois sistemas de valores concomitantemente (Knafo-Noam, & Galanski, 2008). A seguir, abordaremos os estudos relacionados à socialização de valores.

3. A mudança dos valores dentro do processo de socialização parental

Em diferentes culturas, têm-se investigado como ocorre a socialização de valores de pais para filhos. Esses estudos buscam compreender como as mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas acabam por impactar nos valores dos indivíduos (e.g., About-Halabi & Shamai, 2016; Albanese & Sestito, 2016; Knight et al., 2016; Tudge et al., 2018). Entretanto, pesquisadores também afirmam que este é um campo que merece cada vez mais atenção e carece de dados pouco contemplados na literatura, como é o caso de países como a Itália, a Estônia e o Brasil (Barni et al., 2017; Seidl-de-Moura et al., 2008; Tulviste & Konstabel, 2017).

Nos processos de socialização de valores, não existem somente os valores dos pais ou da escola; estão presentes também os valores pessoais dos filhos, os valores culturais e geracionais e, além disso, se por um lado os valores dos pais impactam nos valores dos filhos, por outro, o oposto também ocorre (Benish-Weisman et al., 2014; Tam & Lee, 2010). Um exemplo da influência de valores culturais e geracionais pode ser visto em nosso estado, o Rio Grande do Sul. Em nossa cultura existe a tradição do “gaúcho” com seu vestuário próprio e costumes. Em algumas regiões, esta tradição se mescla com a tradição dos imigrantes, em sua maioria alemães e italianos, que mesmo dentro da cultura gaúcha mantém viva as tradições e valores das gerações que aqui chegaram.

Alguns autores têm mencionado como importante a capacidade dos pais de flexibilizarem seus valores em situações de mudanças sociais, políticas ou econômicas que demandam uma adaptação dos indivíduos ao meio (Akyil et al., 2014, Namaguchi & Milkie, 2019). Nesses casos, a percepção dos valores normativos, ou seja, dos valores que surgem como norteadores daquela sociedade nos momentos de mudança, tem sido vista como fundamental, e autores concordam que em momentos como esses a falta de semelhança entre os valores dos pais e os valores dos filhos é um fator adaptativo (Chan & Tam, 2016; Tam & Lee, 2010, Tam & Chan, 2015). Chan e Tam (2016) consideram três aspectos que estão envolvidos no câmbio de valores. O primeiro refere-se à extensão em que os pais são efetivos em vislumbrar novas oportunidades e auxiliam seus filhos a refletir e explorar os valores familiares e sociais. O segundo está relacionado ao papel dos filhos e considera que estes têm autonomia para aceitar ou rejeitar os valores apresentados. Em terceiro lugar, os autores consideram a interação das crianças e adolescentes com o meio em que habitam.

Além disso, aspectos como a idade dos pais, nível de escolaridade, sexo e idade dos filhos também aparecem como variáveis importantes em relação aos tipos de valores socializados (Chen, 2018; Döring, et al., 2016; Tulviste & Konstabel, 2017). O estudo de Chen (2018) investigou a socialização de valores de 871 pais e mães, nascidos entre 1980 e 1989, na cidade de Xangai (China). Os resultados indicaram correlação negativa entre o nível de escolaridade dos pais e o valor obediência nos filhos, sendo que pais com maiores níveis de escolaridade tendem a valorizar mais a independência.

O sexo dos filhos não tem aparecido como moderador nos resultados de socialização, mas o sexo dos pais sim. Chen (2020) e Döring et al. (2016) apontam resultados em que mães costumam valorizar obediência e bem-estar dos outros enquanto pais costumam valorizar a independência. Em relação à idade dos filhos, os valores socializados alteram-se de acordo com a fase do desenvolvimento em que eles se encontram, sendo a independência mais valorizada pelos pais de filhos adolescentes (Tulviste, 2013).

No Brasil, relativamente poucos pesquisadores têm-se debruçado sobre o tema da socialização de valores parentais. Apesar de utilizarem teorias que se aproximam, não há um consenso teórico que abarque o assunto. Além disso, não se encontrou estudos nacionais que buscassem relacionar os valores pessoais dos pais e os valores que eles desejam para seus filhos, aspecto esse tão importante nas mudanças de valores

já mencionadas. Contudo, os resultados encontrados nos trabalhos brasileiros podem nos auxiliar a compreender esse processo.

Estudo de Seidl-de-Moura et al. (2008) indica que as mães socializam valores que levem à autonomia e que também valorizam as relações, a proximidade e os vínculos familiares e sociais. Diferenças podem ocorrer dada a importância de outras variáveis como classe social, escolaridade e experiência profissional nos valores socializados (Martins et al., 2015; Tudge et al., 2012; Tudge et al., 2018).

É pouco provável que seja possível ou, no mínimo, não é tarefa simples definir um padrão de socialização em países com tanta diversidade cultural. Nesse sentido, mais pesquisas na área podem trazer mais conhecimento sobre as diversas regiões do Brasil.

4. Valores em diferentes culturas: abordagem teórica

Para tentar compreender a relação entre os valores e a cultura, é necessária uma teoria que dê conta da diversidade humana. Como já mencionado, os resultados obtidos nos estudos com “*WEIRD societies*” não favoreciam o entendimento dos fenômenos pesquisados em diferentes culturas, necessitando uma abordagem que considerasse suas diferenças e similaridades (Kağıtçıbaşı, 2007). A partir da década de 1980, dentro da psicologia, um construto surge para tentar dar conta da diversidade humana, sendo popularmente utilizado para estudos transculturais: o Individualismo-Coletivismo (I-C) (Hofstede, 1980; Triandis, 1989, 2001).

Nesse construto, individualismo é associado aos valores modernos e um padrão de autonomia e independência entre os indivíduos, sendo o padrão encontrado nos Estados Unidos da América (EUA), enquanto coletivismo é associado aos valores tradicionais, a interdependência de uma coletividade, encontrado na Ásia, sendo esta distinção analisada em termos de comportamentos, arranjos familiares e crenças (Vandello & Cohen, 1999). Todavia, na década de 1990, alguns estudos criticaram esse construto unidimensional. Takano e Osaka (1999) revisaram 15 estudos empíricos que comparavam Japão e EUA e encontraram discrepâncias em relação aos valores individualistas (EUA) e coletivistas (Japão) em 14 desses estudos. Fijneman e colaboradores (1996) também apontaram críticas ao I-C em relação a aspectos históricos, metodológicos e teóricos, uma vez que no modelo não abarca a ampla gama de valores que constituem cada cultura. Os autores não encontraram diferenças significativas no I-C em uma amostra que contou com sujeitos de Nova Iorque, Hong

Kong, Turquia, Grécia e Holanda. Além disso, os dados obtidos por Vandello e Cohen (1999) revelaram a presença de distintas regiões dentro dos Estados Unidos e indicaram uma grande presença de padrão coletivista, principalmente ao sul do país, contrariando a imagem de uma cultura individualista.

Outra forma de caracterizar-se esse fenômeno é através do modelo de independência e interdependência (Markus & Kitayama, 1991). Segundo esses autores, existem culturas que valorizam mais a relação entre os indivíduos, obediência e o cuidado com o próximo, como na Ásia, e culturas que valorizam a individualidade, uma menor conectividade entre as pessoas e a busca de seus objetivos sem ajuda de outros, como nos EUA. Park e Lau (2016) realizaram um estudo com base no modelo de independência e interdependência, avaliando 227.431 pais de 90 países entre os anos de 1981 e 2008, utilizando dados da *European Values Study (EVS)* e da *World Values Survey (WVS)*. Os resultados apontam uma correlação positiva entre o modelo de independência e pais com maiores renda anual e nível de escolaridade.

Contudo, Matsumoto (1999) não encontrou evidências que sustentassem as diferenças apresentadas no estudo de Markus e Kitayama (1991). Matsumoto realizou uma revisão dos estudos com americanos, tidos como modelo de independência e japoneses, modelos de interdependência, e constatou que os estudos realizados ou não encontraram diferenças significativas entre as duas culturas ou então apontaram para a existência de prevalência de coletivismo entre certas culturas norte-americanas assim como de individualismo no Japão.

A questão que envolve os contrutos de I-C ou de Independência e Interdependência é a dificuldade de englobar aspectos culturais e aspectos relacionados ao *self*, dentro de uma única dimensão. O fenômeno da globalização aproximou as culturas no mundo atual e a tradição dicotômica em pesquisas transculturais não mais oferece resultados que expliquem a diversidade que temos hoje no mundo e, com certeza, não dão conta da complexidade existente (Hermans & Kempen, 1998).

4.1. O modelo de agência e distância interpessoal

No final da década de 1990, o crescente interesse em estudos transculturais, aliado às críticas aos modelos teóricos existentes, impulsionaram mudanças dentro da pesquisa em psicologia com a finalidade de ampliar o conhecimento sobre as semelhanças e diferenças culturais. Uma das mudanças significativas nas pesquisas

nessa área iniciou com os estudos de Kağıtçıbaşı (1970), uma pesquisadora turca que realizava seu doutorado em Berkeley, nos EUA.

Estando longe de casa e inserida em uma cultura bastante distinta da sua cultura de origem, Kağıtçıbaşı (1970) começou uma trajetória de pesquisas interessada nas diferenças de valores que cada cultura apresenta. Em sua tese de doutorado, analisando dados de americanos e turcos, concluiu que controle parental e afeto parental não eram construtos opostos: pais podem enfocar regras rígidas e mostrar afeto.

Em 1970, Kağıtçıbaşı começou seu trabalho na docência e foi convidada a compor uma equipe para criar o *Value of Children* (VOC), um projeto transcultural sobre os valores na infância. Esse trabalho, juntamente com os processos de modernização e globalização, trouxe uma mudança de paradigma e foi responsável pelo desenvolvimento da *Family Change Theory* (FCT) (Kağıtçıbaşı, 1990). A FCT tinha como principal objetivo compreender como mudanças sociais, culturais e tecnológicas afetam e provocam mudanças no estilo familiar, principalmente em sociedades onde predomina o modelo de interdependência econômica e emocional. A FCT foi construída com base em duas dimensões. A primeira é denominada distância interpessoal e reflete o grau de conexão entre os indivíduos ou a forma como se relacionam com os demais, podendo variar, em graus diversos, de separação (maior distanciamento dos outros) à relação (ênfase na proximidade entre os indivíduos). A segunda dimensão é chamada de agência que varia, em graus diversos, de autonomia à heteronomia. Esses últimos termos são utilizados de acordo com a teoria piagetiana sobre o desenvolvimento moral, segundo a qual a moral autônoma estaria relacionada com seguir suas próprias regras e a moral heterônoma consistiria em obedecer às regras de terceiros (Piaget, 1932/1994)².

Kağıtçıbaşı (2005) utiliza o termo autonomia para definir os indivíduos que estão no governo de suas ações, enquanto heteronomia caracteriza os indivíduos que dependem de regras externas a si mesmos. Kağıtçıbaşı (1997) indicou a existência de duas dimensões dentro do I-C. A primeira, orientada aos valores (normas, leis, convenções e regras sociais) foi definida como I-C normativo. A segunda dimensão é definida como orientada ao *self* e conta com as dimensões de separação e relação. O termo *self* utilizado por essa autora é um construto que envolve tanto a noção de

² Os termos são utilizados de acordo com a interpretação de Kağıtçıbaşı (2005) sobre a teoria de Piaget (1932/1994).

indivíduo e personalidade quanto as interações sociais produzidas por esse indivíduo em determinada cultura. É um conceito abrangente e considera aspectos antropológicos, sociológicos, psicológicos e transculturais.

Fundamentada nas dimensões de distância interpessoal e agência, a FCT conta com três modelos familiares: (a) o modelo de família interdependente, (b) o modelo de família independente e (c) o modelo de família interdependente psicológica ou emocionalmente. O modelo interdependente é encontrado em sociedades pré-industriais, menos desenvolvidas, rurais e com ênfase na relação entre seus membros, e predomínio da heteronomia (Mayer, 2013). O modelo independente encontra-se sobretudo em sociedades urbanas industriais ou pós-industriais, com primazia da separação entre os indivíduos, além de independência material e emocional. O terceiro modelo seria uma combinação desses dois anteriores, no qual se enfatiza a autonomia dos seus membros e a proximidade emocional (relação). Esse terceiro modelo é encontrado em centros urbanos, com base coletivista, pertencentes ao *Majority World*³.

Estudos realizados em vários países encontraram evidências que deram suporte à FCT, além de indicar que o desejo de valores autônomos não significa necessariamente a valorização de separação, ou seja, o individualismo (Kağıtçıbaşı & Ataca, 2015; Kağıtçıbaşı, et al., 2010; Keller et al., 2006). A consolidação da FCT levou ao modelo do *Self* Autônomo-Relacionado (Kağıtçıbaşı, 2005).

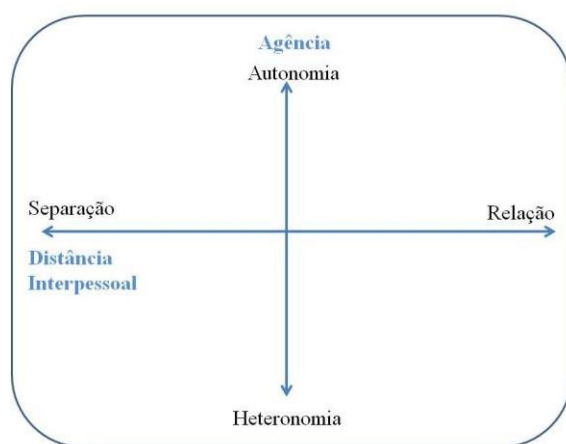
Além de buscar entender os diversos tipos de socialização e como este processo influencia o *self*, Kağıtçıbaşı (2005) propõe uma perspectiva de orientação desenvolvimental e cria o conceito de *self* autônomo-relacionado com base em duas dimensões ortogonais: agência (autonomia – heteronomia) e distância interpessoal (separação – relação) (Figura 1). Essas dimensões ocorrem em um *continuum* e podem gerar quatro diferentes tipos de *self*: (a) autônomo-separado, (b) autônomo-relacionado, (c) heterônomo-separado e (d) heterônomo-relacionado. O *self* autônomo-separado aparece em modelos familiares que valorizam a independência e são orientados à

³ *Majority World* é um termo cunhado por Kağıtçıbaşı (2007) para designar os países que estão fora do eixo “países ocidentais industrializados”, podendo ser denominados países do Terceiro Mundo.

autonomia. O *self* autônomo-relacionado é encontrado em famílias que valorizam a interdependência psicológica e autonomia. O *self* heterônomo-separado é o padrão geralmente valorizado em famílias que prezam a interdependência e a obediência, famílias hierárquicas que valorizam a separação e heteronomia. Por fim, o *self* heterônomo-relacionado, presente em famílias que valorizam a total interdependência sendo orientadas à obediência (Figura 1).

Figura 1.

Modelo conceitual dos diferentes tipos de self



De acordo com Kağıtçıbaşı (2005), os tipos de *self* originam três modelos de interação familiar distintos: (a) interdependência, (b) independência e (c) independência material combinada com interdependência psicológica. Um protótipo de total interdependência é encontrado em regiões rurais mais pobres e em centros urbanos com menores níveis sócio-econômicos. O padrão de independência é encontrado em sociedades ocidentais industrializadas, principalmente nas famílias americanas de classe média. Por fim, o padrão combinado tende a ser mais frequente nas sociedades em desenvolvimento.

Uma vez que o modelo de Individualismo-Coletivismo apresenta uma visão macro de orientação cultural, mas não compreende aspectos como as relações entre culturas, família e desenvolvimento, são necessários outros modelos que possam dar conta dessa complexidade (Seidl-de-Moura et al., 2013). A vantagem do modelo de Kağıtçıbaşı (2005) é permitir entender o desenvolvimento humano dentro de determinado contexto, considerando aspectos globais de desenvolvimento, sendo mais sensível às variações existentes em cada cultura (Kağıtçıbaşı, 2012).

4.1.1 Estudos no Brasil

Estudos realizados em centros urbanos no Brasil podem dar suporte a diferentes padrões de *self*, uma vez que o território brasileiro apresenta grandes variabilidades de contextos culturais (Bandeira et al., 2009; Seidl-de Moura et al., 2008; Seidl-de-Moura et al., 2013a; Vieira et al., 2013). Seidl-de-Moura e colaboradores (2008) investigaram as metas de socialização de 349 mães de sete diferentes cidades e regiões do Brasil. O resultado apontou para três padrões diferenciados de socialização de valores, todos referentes ao modelo misto de autonomia e relação: (a) região norte-nordeste valoriza igualmente a autonomia e a relação, (b) região sul com predomínio da relação sobre a autonomia e (c) região sudeste com predomínio da autonomia sobre a relação.

Em outro estudo, Vieira e colaboradores (2013) investigaram 112 mães do sul do Brasil com base no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por ser um critério que engloba aspectos econômicos e sociais que auxiliam na caracterização de modelos culturais familiares. Cidades com maiores IDH indicam maiores níveis de educação formal e renda, fatores que influenciam os padrões de socialização. Do total, 50 mães eram de uma capital (alto IDH) e 62 mães de uma cidade do interior (menor IDH do estado). Os resultados confirmaram que, de acordo com os critérios do IDH, as mães da capital tinham renda e nível de educação significativamente maiores que as mães do interior. Além disso, também foram encontradas diferenças significativas em relação à socialização de valores: as mães da capital valorizaram mais a autonomia, enquanto as de cidades pequenas valorizaram mais a relação.

Seidl-de-Moura e colaboradores (2017) realizaram estudo que envolveu 107 pais de adolescentes e 60 duplas de cuidadores (pais, avós, babás, professoras) de crianças pequenas na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados indicaram o predomínio do modelo autônomo-relacionado. Esse estudo também apontou para a relação entre escolaridade dos pais e avós e valores de autonomia: quanto maiores os níveis de escolaridade maior a valorização da autonomia no desenvolvimento dos filhos.

Além disso, estudos têm identificado que a classe social também está relacionada com um ou outro tipo de *self* (e.g., Akyil et al., 2016; Tudge et al., 2013). De acordo com Tudge (2008), os indivíduos de classe média ou de classe trabalhadora que vivem em meio urbano podem não compartilhar os mesmos valores que indivíduos da mesma classe social que vivem no meio rural, podendo ser entendidos como grupos culturais distintos. No Brasil, nas áreas urbanas, famílias de classe média tendem a

valorizar o padrão autônomo-relacionado enquanto as da classe trabalhadora mostram inclinação para o *self* heterônomo-relacionado (Tudge et al., 2013). Esses resultados dão suporte à teoria de Kağıtçıbaşı e nos auxiliam a compreender a variabilidade de contextos dentro de uma mesma cultura (Kağıtçıbaşı, 2005; Vieira et al., 2013).

Apesar da importância do modelo de Kağıtçıbaşı (2005), estudos também têm apontado algumas limitações quanto ao uso desse modelo em estudos transculturais, principalmente em países grandes como o Brasil, que apresentam grande variabilidade cultural, tornando difícil a tarefa de incluir diferentes regiões em uma única categoria (Seidl-de-Moura et al., 2017; Tudge et al., 2018; Vieira et al., 2013). Além da diversidade cultural, nosso país também conta com grandes disparidades socioeconômicas, implicando em um tipo de valor cultural (Martins et al., 2015; Tudge et al., 2018).

4.1.2. As escalas de medida de agência e distância interpessoal

As escalas de Kağıtçıbaşı (2007) que avaliam *self* autônomo, *self* relacionado e *self* autônomo relacionado foram validadas para o português brasileiro por Seidl-de-Moura e colaboradores (2013b). Embora os resultados obtidos com a validação fossem consistentes, os autores sugerem o desenvolvimento de uma escala, com base no modelo de Kağıtçıbaşı (2005), que se adapte à nossa população.

Nesse sentido, foi desenvolvida a escala *The Relatedness-Autonomy-Separated-Heteronomy (RASH)* (Tudge et al., 2014), que tem por base o modelo de Kağıtçıbaşı (2005, 2007). Ao invés de utilizar as duas dimensões ortogonais de agência e distância interpessoal, a *RASH* mede quatro construtos separadamente: (a) relação, (b) autonomia, (c) separação e (d) heteronomia. Essa maneira de medir esses construtos é importante uma vez que, dependendo do contexto, os pais podem valorizar tanto autonomia quanto heteronomia, não sendo esses valores necessariamente opostos. Merçon-Vargas (2017) apresenta um exemplo disso: “é possível que os pais desejem que seus filhos sejam autônomos em relação à sua família (autonomia), mas sigam as regras da sociedade (heteronomia)” (p. 102).

Liang et al. (2019) realizaram a validação da escala *RASH*, utilizando uma amostra com norte-americanos (n=635) e uma amostra com chineses (n=464). A escala apresentou índices adequados de validade e os resultados confirmaram, em parte, o modelo de Kağıtçıbaşı (2005, 2007). Para os chineses, confirmou-se o modelo de autonomia e relação, esperado em sociedades como a China que está passando por um

processo de crescente urbanização. Entretanto, o mesmo modelo de autonomia e relação foi encontrado na amostra de norte-americanos, contrariando o que seria esperado, ou seja, autonomia e separação como ocorre nas sociedades ocidentais industrializadas (Kağitçibaşı (2007). Além disso, não foi encontrada uma correlação negativa entre autonomia e heteronomia, em ambas as amostras, sugerindo a existência de sobreposição de valores mencionada no parágrafo anterior.

Merçon-Vargas (2017) utilizou a *RASH* a fim de verificar semelhanças e diferenças nos valores entre americanos e imigrantes brasileiros que vivem nos EUA. Seus achados também levantam questionamentos em relação ao modelo de Kağitçibaşı (2007), uma vez que, em determinados grupos culturais, as dimensões podem ter significados distintos. Exemplo disso, é o caso dos afro-americanos que entendem autonomia como um sinônimo de separação. Além disso, os resultados obtidos com esse instrumento com imigrantes brasileiros que vivem nos EUA não corroboraram o modelo ortogonal, pois não apontam para diferenças significativas em relação às dimensões de agência e distância interpessoal. Contudo, os resultados dos brasileiros confirmaram o esperado, predominando o modelo de autonomia relacionada que tem sido descrito na literatura (Seidl-de_Moura et al., 2017; Tudge et al., 2018). Merçon-Vargas sugere que se aprofundem as investigações acerca do modelo ortogonal como também do significado dos valores em diferentes culturas.

Os construtos da *RASH* podem auxiliar a compreender as metas de socialização de valores de pais para filhos. Entretanto, é interessante também investigar quais são os valores que os pais têm para si, porque os pais não necessariamente transmitirão a seus filhos os valores que receberam. Para isso, é necessário um modelo que dê conta dos valores pessoais. Neste estudo, optou-se pelo modelo de Schwartz e colaboradores (2012).

4.2. Valores humanos básicos

Em minha dissertação de mestrado, versei sobre a relação entre os valores e a qualidade de vida em adolescentes, visto que, a literatura indicava correlações importantes nesse sentido, sugerindo que jovens com grande ênfase nos valores materiais poderiam apresentar prejuízos sociais, acadêmicos e até em saúde mental (Chaplin et al., 2019; Richins, 2017; Segev et al., 2015) No presente estudo, sigo entendendo os valores como investimentos afetivos que nos movem e guiam nossas ações em certa direção (Freitas, 2003; Piaget, 1954/2005). Isso significa que os valores

estão relacionados a aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais estando a serviço de nossos objetivos de vida. Embora os indivíduos possuam objetivos diversos relacionados a uma ampla gama de valores, existem valores que são universais e podem ser encontrados na maioria das culturas, diferindo em intensidade.

A busca pelo entendimento desses valores universais vêm sendo, há muitas décadas, objeto de estudo da psicologia, contando com uma grande variedade de modelos e medidas (Hanel et al., 2018). Dentre os muitos estudos, no início da década de 1970, o trabalho de um pesquisador polonês obteve destaque ao diferenciar valores de atitudes e desenvolver uma escala com 36 valores divididos em dois grupos: os valores instrumentais e os valores terminais (Rokeach, 1973). Os valores terminais referem-se às metas de vida, enquanto os instrumentais estão relacionados ao conjunto de comportamentos que nos direcionam para atingirmos nossas metas (Tuulik et al., 2016). Rokeach (1973) contribuiu para a formalização de uma definição dos termos “valor” e “sistema de valores” em psicologia. Segundo ele, os valores englobem aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais; “são uma crença duradoura de que um modo específico de conduta ou estados finais de existência é pessoal ou socialmente preferível em detrimento de um modo específico de conduta oposto” (Rokeach, 1973, p. 6). Importante destacar que o termo “duradouro” reflete o caráter flexível dos valores, ou seja, os valores não podem ser tão estáveis a ponto de não permitir mudanças e tampouco tão instáveis que coloquem em risco humanidade e sociedade.

Para a construção dessa escala, foram considerados cinco aspectos importantes sobre os valores: (a) pessoas possuem um número relativamente pequeno de valores, (b) pessoas que compartilham os mesmos valores podem aplicá-los de formas distintas em suas vidas, (c) valores estão organizados em um sistema de valores organizados em função de prioridades, (d) a origem dos valores humanos está relacionada à personalidade, cultura, sociedade e suas instituições e (e) as consequências da manifestação dos valores humanos deve poder ser investigada e compreendida dentro das ciências sociais (Rokeach, 1973).

Entretanto, apesar dos estudos de Rokeach apresentarem fortes evidências de validade e fidedignidade, os valores não eram correlacionados, ou seja, não havia como incluí-los em um modelo explicativo mais amplo que permitisse prever comportamentos em diferentes indivíduos e culturas. Sendo assim, na década de 1980 dois pesquisadores interessados no estudo de valores começaram a delinear a *Theory of*

Basic Human Values, uma teoria sobre valores, baseada na escala de Rokeach (1973), que abarcaria valores tanto pessoais quanto culturais (Schwartz & Bilsky, 1987). Inicialmente, esses autores estavam interessados em analisar um conjunto de valores que englobassem as necessidades básicas pessoais, os aspectos interpessoais e as demandas sociais de bem-estar e sobrevivência. Além disso, pretendiam verificar o tipo de relação entre os diferentes tipos de valores. Para isso, utilizaram duas amostras: uma de Jerusalém e outra da Alemanha. O resultado obtido agrupou os 36 valores de Rokeach (1973) em oito tipos motivacionais distintos.

Schwartz e Bilsky (1987) pretendiam chegar a uma teoria universal acerca dos valores pessoais e por isso buscaram uma definição que abarcasse as principais premissas encontradas na literatura. Assim, eles chegaram a definição de que valores são: “(a) conceitos ou crenças, (b) pertencem a comportamentos desejados, (c) transcendem situações específicas, (d) guiam a seleção ou avaliação de comportamentos e eventos e (e) são ordenados por relativa importância” (Schwartz & Bilsky, 1987, p. 551). Utilizaram uma nova amostra envolvendo 3.723 participantes de sete países. Os resultados obtidos permitiram avanços e impulsionaram novos estudos que acabaram por refinar a teoria.

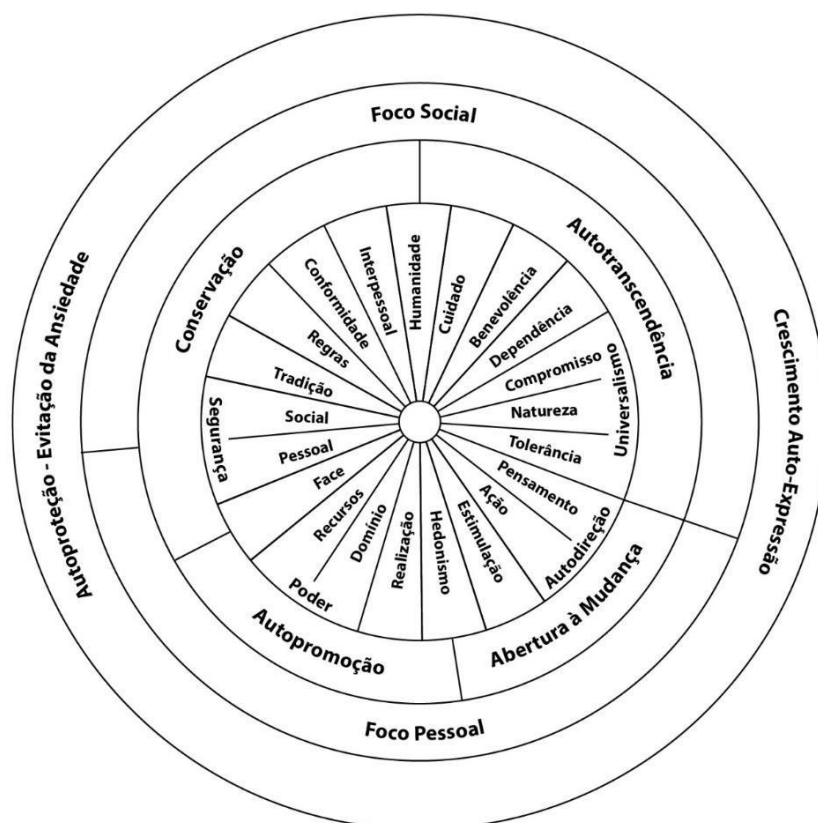
Em 1992, Schwartz parte da premissa de que “valores básicos são organizados dentro de um sistema coerente que fundamentam e auxiliam a explicar tomadas de decisão, atitudes e comportamentos individuais” (p. 664) e passa a investigar estes valores com base em três questões centrais: (a) como os valores pessoais são afetados pelas experiências sociais?, (b) como os valores que guiam os indivíduos afetam seus comportamentos e guiam suas escolhas? e (c) qual o impacto da cultura nos valores pessoais, ou melhor, podemos falar em valores universais ao considerarmos culturas distintas? Através do instrumento *Schwartz Value Survey* (SVS) (Schwartz, 1992), foram investigados vinte países de distintas partes do mundo, cujas respostas confirmaram a presença de dez construtos básicos, somando-se três aos domínios originais.

Em 2001, o mesmo modelo foi testado através de um novo instrumento de medida – *The Portrait Values Questionnaire* (Schwartz et al., 2001) –, o qual, por ser mais simples, permite realizar investigação com crianças, adolescentes e respondentes com menores níveis de escolaridade. Contudo, a sobreposição de domínios apresentava algumas fragilidades estatísticas como multicolinearidade e baixa consistência interna

(Giménez & Tamajón, 2019). A teoria foi refinada apontando um melhor resultado na análise confirmatória com uma escala que engloba 19 valores investigados por meio de 57 itens (Schwartz et al., 2012) (Figura 2).

Figura 2.

Modelo dos 19 valores de Schwartz (adaptado de Schwartz et al., 2012)



Os estudos relatados chegaram a um modelo com 19 valores que são dispostos de forma circular em função de sua proximidade/distância. Os 19 valores estão circunscritos a agrupamentos maiores. O círculo mais externo indica valores de autoproteção (ou de cuidados do *Self*) contra-valores focados no autodesenvolvimento. O segundo círculo indica o predomínio dos valores no âmbito social ou pessoal. O círculo seguinte representa quatro grandes dimensões: (a) autotranscendência, (b) abertura à mudança, (c) conservação e (d) autopromoção. Nesse sentido, valores relacionados à abertura à mudança seriam opostos aos valores de conservação, assim como autotranscendência está em oposição à autopromoção (Schwartz et al., 2012).

As quatro dimensões podem ser entendidas da seguinte forma: (a) auto

transcendência corresponde aos valores de tolerância, preocupações sociais, preocupação com a natureza, além de cuidado e atenção com as pessoas de sua relação; (b) abertura à mudança envolve autonomia, desafios, novidades e hedonismo; (c) como conservação, estão os valores que se relacionam às normas e tradições e à busca por segurança social e pessoal e (d) autopromoção está relacionada aos valores de competência, sucesso pessoal, recursos materiais, *status* e prestígio (Schwartz et al., 2012).

A escala de Schwartz é mundialmente utilizada e tem apresentado boas propriedades psicométricas em diversos estudos (Daniel & Benish-Weisman, 2018; Giménez & Tamajón, 2019; Lilleoja et al., 2016). No Brasil, os estudos de tradução e validação foram realizados a partir do início dos anos 2000.

4.2.1. Escalas e estudos no Brasil

Três estudos acerca dos questionários de Schwartz se destacam no Brasil. O primeiro refere-se à validação do *Portraits Questionnaire* (PQ) realizada com 4000 consumidores de serviços de telefonia (Pasquali & Alves, 2004). Esse estudo verificou a validade de 10 tipos motivacionais, destacando a importância do instrumento para a área de administração e marketing, principalmente por auxiliar a traçar estratégias em relação aos perfis de consumidores no país (De Barcellos et al., 2014; Mainardes et al., 2017).

O segundo tratou de adaptar e validar o *Portrait Values Questionnaire* na forma de 24 itens para o contexto de adolescentes brasileiros e portugueses (Lins et al., 2016). Esse estudo apresentou boa consistência interna e confirmou a estrutura dos tipos motivacionais.

Por fim, o terceiro estudo buscou validar a teoria de valores refinada (Schwartz, 2012). Foram investigadas duas amostras, totalizando 1044 participantes. Obtiveram-se resultados satisfatórios na Análise Fatorial Exploratória e na Análise Fatorial Confirmatória, indicando validade discriminante e preditiva do instrumento para a população brasileira (Torres et al., 2016).

5. Justificativa e Objetivos

Meu percurso desde a graduação envolveu o estudo de valores, iniciando com o estudo sobre o desenvolvimento da gratidão e, posteriormente, focando na busca de entendimento sobre os valores materiais e seu impacto no período da adolescência. Uma vez que a escala de valores de um indivíduo é resultado de uma construção que envolve

múltiplos fatores e que a literatura enfatiza a importância do papel da socialização de valores pelos pais, busquei conhecer as pesquisas realizadas sobre o tema. Nesta busca percebi a carência de estudos brasileiros sobre a temática, assim como ficou claro o crescimento à nível internacional de pesquisas relacionadas aos valores. Os valores que cada um elenca como importantes para sua vida podem impactar significativamente em melhor ou pior qualidade de vida. Além disso, fomentar valores positivos é uma das formas de se investir em um futuro melhor dentro de uma sociedade.

Uma vez que os valores não são passados entre gerações como meras cópias, a atualização dos valores socializados permitiria que crianças e adolescentes estivessem melhor adaptados às mudanças políticas, sociais e econômicas que ocorrem dentro de cada cultura. Uma das formas de entendermos essa atualização é conhecendo os valores que os pais têm para si e os que eles desejam que seus filhos desenvolvam. Existem mudanças entre os valores? Quais variáveis aparecem como correlacionadas à essas mudanças?

A fim de responder essas perguntas, a presente tese está dividida em dois artigos distintos. O Capítulo II engloba a análise fatorial confirmatória da escala RASH, com dados de brasileiros e norte-americanos. Os resultados buscam confirmar a existência de quatro fatores com base nos estudos de Kağıtçıbaşı (2005) além de indicar a complexidade do tema, uma vez que os valores podem se apresentar de forma a não confirmar um modelo ortogonal. Os resultados permitem também indicar os tipos de valores socializados em cada país, confirmando dados da literatura.

Uma vez que a escala RASH apresentou bons resultados estatísticos, o segundo estudo foi conduzido para verificar a relação entre os valores pessoais dos pais e os valores que eles desejavam para seus filhos. O Capítulo III contribui com a análise de dados referentes à essa relação buscando compreender as diferenças entre valores pessoais e socializados. Para isso, foram correlacionados o modelo de valores pessoais de Schwartz et al. (2012) com os resultados obtidos com a *The Relatedness-Autonomy-Separated-Heteronomy Scale – (RASH)* (Tudge et al., 2014), com base nos quatro construtos, a fim de verificar entre brasileiros e imigrantes brasileiros que vivem nos EUA quais os valores que guiam os indivíduos e que tipo de valores eles selecionam para que se desenvolvam em gerações futuras.

Ao final, realizou-se uma discussão geral sobre os achados obtidos e suas implicações para a pesquisa em valores no Brasil. Ainda, buscou-se destacar a

contribuição do estudo para o entendimento da socialização de valores e refletir sobre possíveis intervenções que venham fomentar valores positivos para as próximas gerações.

Capítulo II: ESTUDO I

Análise Fatorial Confirmatória da Escala RASH – Relação, Autonomia, Separação e Heteronomia

Confirmatory Factor Analysis of the RASH Scale - Relation, Autonomy, Separation and Heteronomy

Análisis Factorial Confirmatorio de la escala RASH - Relación, Autonomía, Separación y Heteronomía

Título abreviado: Validação da Escala RASH

Resumo

A escala RASH foi desenvolvida para investigar padrões de self em estudos transculturais. No presente estudo, foi realizada uma validação fatorial da escala RASH (relação, autonomia, separação e heteronomia) em amostras brasileiras e norte-americanas. Coletamos dados de 756 participantes (n = 519, EUA; n = 237, Brasil), pais ou responsáveis por alunos de 7 a 14 anos. A fim de fornecer suporte para a estrutura de quatro fatores, foi realizada uma análise fatorial exploratória e, posteriormente, uma análise fatorial confirmatória. Os resultados confirmaram a estrutura de quatro fatores do instrumento e os padrões autorrelatados nas duas culturas. O instrumento pode auxiliar em pesquisas transculturais sobre o desenvolvimento de valores e captar diferenças entre culturas.

Palavras-chave: valores; relação; autonomia; separação; heteronomia; *self*

Abstract

The RASH scale was developed to investigate patterns of self in cross-cultural studies. In the present study, a factorial validation of the RASH (relation, autonomy, separation and heteronomy) scale was carried out using Brazilian and North American samples. We collected data from 756 participants ($n = 519$, USA; $n = 237$, Brazil), parents or guardians of 7- to 14-year-old students. In order to provide support for the four-factor structure, an exploratory factor analysis was performed and, later, a confirmatory factor analysis. The results confirmed the instrument's four-factor structure as well as the self-related patterns in both cultures. The instrument can aid in cross-cultural research on the development of values and capture differences among cultures.

Keywords: values; related; autonomous; separated; heteronomous; *self*

Resumen

La escala RASH se desarrolló para investigar patrones del yo en estudios transculturales. En el presente estudio se realizó una validación factorial de la escala RASH (relación, autonomía, separación y heteronomía) utilizando muestras brasileñas y norteamericanas. Recolectamos datos de 756 participantes (n = 519, EE. UU.; N = 237, Brasil), padres o tutores de estudiantes de 7 a 14 años. Con el fin de dar soporte a la estructura de cuatro factores, se realizó un análisis factorial exploratorio y, posteriormente, un análisis factorial confirmatorio. Los resultados confirmaron la estructura de cuatro factores del instrumento, así como los patrones auto relacionados en ambas culturas. El instrumento puede ayudar en la investigación intercultural sobre el desarrollo de valores y capturar las diferencias entre culturas.

Palabras clave: valores; relación; autonomía; separación; heteronomía; *self*

Sabe-se que os valores se desenvolvem de forma distinta em diferentes sociedades e se consolidam através da socialização entre gerações, sendo o papel da família, em especial dos pais, fundamental (Barni et al., 2017). Os valores parentais são impactados por mudanças econômicas, políticas, culturais e educacionais, indicando que os valores são suscetíveis aos câmbios do entorno (Doepke & Zilibotti, 2019). Estudos apontam para a importância da socialização de valores como forma de fomentar o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes (e.g., Verma & Sunil, 2018).

Socialização de Valores

Antigamente, algumas teorias consideravam que os valores eram passados entre gerações como simples cópias, o que gerou o termo “*fax model*”: crianças e adolescentes apenas reproduziriam os valores recebidos (Strauss, 1992). De fato, os valores que os pais têm para si estão positivamente correlacionados com aqueles que desejam que seus filhos desenvolvam (Prioste et al., 2017). Todavia, pesquisas recentes (Nomaguchi & Milkie, 2019; Stattin & Kim, 2018) descartam a ideia de cópia (“*fax model*”) por não dar conta das modificações encontradas na maioria das culturas.

Um exemplo do impacto de mudanças culturais e familiares na socialização de valores é descrito em um estudo realizado com 3816 italianos (Albanese et al., 2016), que acompanhou duas gerações distintas de famílias que haviam realizado uma mudança de região dentro do país. A primeira geração que se afastou da família de origem tendeu a repetir e socializar seus filhos com os mesmos valores recebidos. A mudança ou atualização de valores só passou a ocorrer a partir da segunda geração, indicando que esse processo, para esses italianos, se deu de forma lenta.

Uma mudança de contexto cultural pode ser um acelerador na atualização de valores. Uma pesquisa comparou mães da Estônia e da Suécia (Tulviste et al., 2012). A principal diferença entre os dois países está no fato da Estônia experimentar um rápido

crescimento econômico nas últimas décadas (impactando em mudanças culturais) e a Suécia se encontrar em um momento estável. Os resultados apontam que as mães na Estônia alteraram substancialmente sua percepção acerca dos valores importantes para seus filhos no futuro, passando a focar em valores como autonomia e realização.

A socialização de valores está intimamente ligada ao contexto cultural onde ocorre esse processo, o qual, por sua vez, impacta o desenvolvimento humano: “... o desenvolvimento humano ocorre em determinado contexto cultural, sendo afetado pela cultura e afetando a mesma. Cultura e desenvolvimento humano estão em constante interação” (Albert & Trommsdorff, 2014, pp. 3). Cada cultura tem especificidades, como por exemplo: (a) pais africanos e latinos costumam enfatizar as questões étnicas e raciais (Doyle et al., 2016) e (b) os Israelenses buscam ressaltar os valores que foquem na coletividade (Aboud-Halabi & Shamai, 2016).

Dentro de uma mesma cultura as mudanças sociais, políticas e econômicas também afetam os valores dos indivíduos. Alwin (1984) analisou dados entre 1958 e 1983 sobre socialização de valores parentais em Detroit (EUA) e encontrou um aumento dos valores relacionados à autonomia em detrimento da obediência no período estudado. Segundo esse autor, aspectos como crescimento do nível de escolaridade materno expandiu as oportunidades de trabalho para as mulheres, causando também um declínio na taxa de fertilidade das famílias. Com isso a relação entre mães e filhos ganhou em qualidade (menos filhos, mais tempo para compartilhar) assim como cresceu a necessidade de criar indivíduos mais autônomos e independentes.

Quanto às mudanças econômicas, o fenômeno da globalização tornou o mercado mundial mais competitivo e, com isso, inúmeros países sofreram os impactos de crises econômicas (Doepke & Zilibotti, 2019). Nos Estados Unidos, a crise econômica que

iniciou por volta da década de 1980 trouxe uma nova mudança com o crescimento de valores relacionados à sobrevivência e ao trabalho árduo, com menor foco no individualismo e mais na cooperação (Nomaguchi & Milkie, 2019).

O impacto de um evento isolado também pode acarretar mudanças importantes nos valores que os indivíduos têm para si, como foi o caso do atentado sobre as torres gêmeas em 2011 nos Estados Unidos. Pesquisa conduzida com 500 empregados do ramo da aviação antes e depois do ataque terrorista indicou que os valores, que antes eram voltados à autorrealização e autoestima, passaram a priorizar aspectos relacionados à segurança e à sobrevivência, com destaque para os valores interpessoais (Murphy et al., 2004).

Outro exemplo de mudança cultural que vem despontando nos países em desenvolvimento diz respeito ao crescimento, entre as mulheres, dos níveis de escolarização e de participação no mercado de trabalho (Averett, et al., 2017). Esse fato é importante uma vez que a literatura sugere uma relação entre níveis de escolaridade e tipos de valores socializados: quanto menor o nível de escolaridade maior a tendência a socializar valores pautados na heteronomia (Chen, 2020; Seidl-de-Moura et al., 2017).

Conforme descrito nos parágrafos anteriores, os valores que cada indivíduo tem para si sofrem mudanças de diversas ordens. Os valores que os pais desejam para seus filhos acompanham essas transformações. Sabendo que os valores são importantes na vida dos seres humanos e se relacionam com qualidade de vida, os estudos dos valores em psicologia vêm crescendo ao redor do mundo, sendo o modelo de *self* autônomo-relacionado (Kağıtçıbaşı, 2005) uma das abordagens amplamente utilizadas.

O Modelo de Kağıtçıbaşı

Com o crescimento das pesquisas sobre valores em diferentes culturas, surge a necessidade de explicações ao nível dos indivíduos e não somente em relação aos

aspectos culturais, uma vez que, dentro de uma mesma cultura, pode-se encontrar padrões distintos que enfatizam ora o individualismo e ora o coletivismo. Na década de 2000, surge outra abordagem, a qual visa ampliar os modelos unidimensionais.

Kağıtçıbaşı (2005) propõe a inclusão de aspectos individuais, além das diferenças culturais, na compreensão dos valores, consolidando um modelo baseado no *self*.

Kağıtçıbaşı (2005) desenvolve um modelo ortogonal bidimensional para utilização em estudos transculturais em valores. A primeira dimensão é denominada distância interpessoal e reflete o grau de conexão entre os indivíduos ou a forma como se relacionam com os demais, podendo variar, em graus diversos, de separação (maior distanciamento dos outros) à relação (ênfase na proximidade entre os indivíduos). A segunda dimensão é chamada de agência que varia, em graus diversos, de autonomia à heteronomia. Esses últimos termos são utilizados de acordo com a teoria piagetiana sobre o desenvolvimento moral, segundo a qual a moral autônoma estaria relacionada com seguir suas próprias regras e a moral heterônoma consistiria em obedecer às regras de terceiros (Piaget, 1932/1994)⁴. Kağıtçıbaşı (1990) utiliza o termo autonomia para definir os indivíduos que estão no governo de suas ações e heteronomia para caracterizar os indivíduos que dependem de regras externas a si mesmos.

De acordo com essa autora, o modelo bidimensional englobaria três modelos distintos de famílias (Kağıtçıbaşı, 2005). O modelo interdependente é encontrado em sociedades pré-industriais, menos desenvolvidas, rurais e com ênfase na relação entre seus membros, e predomínio da heteronomia, sendo frequente em áreas definidas como

⁴ Os termos são utilizados de acordo com a interpretação de Kağıtçıbaşı (2005) sobre a teoria de Piaget (1932/1994).

*Majority World*⁵, como na Ásia (Kağıtçıbaşı, 2005). O modelo independente encontra-se sobretudo em sociedades urbanas industriais ou pós-industriais, com primazia da separação entre os indivíduos, além de independência material e emocional, presente em famílias de classe média norte-americanas. O terceiro modelo seria uma combinação desses dois anteriores, no qual se enfatiza a autonomia dos seus membros e a proximidade emocional (relação). Esse terceiro modelo é encontrado em centros urbanos, com base coletivista, pertencentes ao *Majority World*.

Estudos realizados em vários países encontraram evidências que deram suporte ao modelo de *self* autônomo-relacionado, além de indicar que o desejo de valores autônomos não significa necessariamente a valorização de separação, ou seja, o individualismo (Kağıtçıbaşı & Ataca, 2015; Keller et al., 2006). Alguns estudos sugerem que a socialização de valores parental pode enfatizar tanto autonomia quanto relação, por exemplo: desejar que os filhos sigam seus objetivos, mas que contem com a família para ajudá-los (Merçon-Vargas, 2017; Liang et al., 2021).

Segundo Kağıtçıbaşı (2007), autonomia e relação representam necessidades humanas básicas sendo encontradas em estilos familiares mais adaptativos, que reconhecem a importância da autonomia para a vida dos filhos assim como são capazes de exercer um controle parental com base no afeto e proximidade das relações. Nesse sentido, o *self* autônomo-relacionado é o tipo ideal por enfatizar tanto a autonomia quanto os relacionamentos interpessoais. Os *selves* autônomo-separado e heterônomo-

⁵ *Majority World* é um termo cunhado por Kağıtçıbaşı (2007) para designar os países que estão fora do eixo “países ocidentais industrializados”, podendo ser denominados países do Terceiro Mundo.

relacionado apontam para uma das necessidades básicas não supridas. Já o *self* heterônomo-separado é tido como negligente por não proporcionar nenhuma das duas necessidades básicas. Com base nesse modelo Kağıtçıbaşı criou três escalas independentes: (a) escala de autonomia, (b) escala de relação e (c) escala de autonomia-relacionada.

Estudos Realizados no Brasil Sobre o Modelo Autônomo-Relacionado

Em 2013, as escalas originais de *self* autônomo, *self* relacionado e *self* autônomo-relacionado foram adaptadas para o português brasileiro. No entanto, as escalas apresentaram consistência moderada e pouca evidência da estrutura fatorial, sugerindo novos estudos para desenvolvimento de uma medida com melhores índices estatísticos (Seidl-de-Moura et al., 2013).

Os resultados de pesquisas fundamentadas no modelo autônomo-relacionado apontam para a prevalência do modelo de *self* autônomo-relacionado em diferentes regiões do país (e.g., Martins et al., 2015; Seidl-de-Moura et al., 2017; Tudge et al., 2018). Seidl-de-Moura e colaboradores (2017) realizaram um estudo com 107 famílias do Rio de Janeiro e os resultados indicaram a presença tanto de autonomia quanto de relação e ainda sugerem que mães com maiores escolaridade tendem a valorizar mais a autonomia (Seidl-de-Moura et al., 2017).

Entretanto, o modelo ortogonal também apresenta limitações uma vez que pressupõe polos opostos dentro de agência e distância interpessoal. Nesse sentido, Merçon-Vargas (2017) destaca pontos importantes a considerar quanto ao modelo de Kağıtçıbaşı's (2005). Em primeiro lugar, é possível que “pais desejem que seus filhos sejam autônomos em relação à família (autonomia) e ainda sigam as regras da sociedade (heteronomia)” (Merçon-Vargas, 2017, p.103). Em segundo lugar, alguns itens podem sobrepor as duas dimensões – escores baixos em itens sobre independência podem estar

mais relacionados à ênfase na relação que à heteronomia. Além disso, como visto na adaptação brasileira da escala, ainda são necessários estudos de validade que contribuam com resultados estatisticamente significativos em diferentes culturas (Merçon-Vargas, 2017, Seidl-de-Moura et al., 2013).

Considerando os pontos acima citados, buscou-se uma alternativa às três escalas de Kağıtçıbaşı (2005). Tudge et al. (2014) desenvolveram uma escala única composta de quatro fatores independentes que pudessem investigar cada construto em separado, possibilitando o entendimento das sobreposições do modelo de agência e distância interpessoal.

Escala RASH (*The Related Autonomous Separated Heteronomous Scale*)

A RASH abarca quatro fatores separados, proporcionando verificar os escores em cada fator: relação, autonomia, separação e heteronomia (Tudge et al., 2014). A escala já apresenta dois estudos de validade. O primeiro realizado com participantes dos EUA e o segundo com participantes dos EUA e da China.

Merçon-Vargas (2017) analisou dados de 522 participantes norte-americanos. O resultado da análise fatorial confirmatória resultou em nove itens alocados em três fatores: relação, autonomia e heteronomia. Os bons resultados psicométricos sugerem que os pais valorizam ora a autonomia e ora a heteronomia, dependendo da situação, da escolaridade dos pais e da idade dos filhos (Merçon-Vargas, 2017). O resultado encontrado justifica uma escala com base em fatores separados.

O segundo estudo feito com 635 participantes dos EUA e 464 da China, também realizou uma análise fatorial confirmatória da escala RASH. Entretanto, obteve resultado distinto do anterior. Essa análise fatorial indicou 15 itens divididos em quatro fatores. O resultado obteve níveis adequados de validade e indicou a presença de autonomia-relacionada nas duas sociedades (Liang et al., 2021).

A literatura destaca a importância da validação de escalas transculturais com diferentes amostras em idiomas distintos (e.g., Ferreira, 2014). Considerando as diferenças apresentadas nos dois estudos anteriores de validação da RASH, torna-se importante acrescentar estudos com outras amostras para fundamentar a utilização da escala em estudos transculturais.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo validar a escala RASH com participantes dos EUA e do Brasil, através de análise fatorial. Para chegar-se a um modelo fatorial satisfatório, a literatura indica alguns índices e seus valores mínimos que devem ser observados, como o KMO (adequação das variáveis ao modelo), o *eigenvalues* e o *scree plot*, estes últimos auxiliando na determinação do número de fatores a serem retidos (Damásio et al., 2013; Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013).

Uma vez que as escalas de *self* autônomo-relacionado traduzidas carecem de validade fatorial (Seidl-de-Moura et al., 2013), a escala RASH pode suprir essa lacuna e auxiliar pesquisas que possam melhor caracterizar os tipos de valores importantes em diferentes países. Conforme já mencionado, muitas vezes os valores que os pais têm para seus filhos podem englobar tanto autonomia quanto heteronomia, tanto relação quanto separação, dependendo da situação. Uma escala única com quatro fatores distintos pode dar conta desses dados e ainda manter-se fiel ao modelo teórico proposto por Kağıtçıbaşı (2005). Sendo assim, a hipótese é que o modelo de quatro fatores responderá de forma satisfatória tanto à amostra dos EUA quanto à do Brasil. Espera-se encontrar ênfase em *self* autônomo-relacionado nas duas amostras, indicando uma redução dos valores individualistas nos EUA. Além disso, espera-se encontrar uma relação entre o nível de escolaridade dos pais e os valores que eles desejam para seus filhos, sendo que os pais com maiores níveis de escolaridade devem favorecer valores da ordem da autonomia (Liang et al., 2021; Merçon-Vargas, 2017).

Método

Participantes

Participaram do estudo 237 pais brasileiros e 519 norte-americanos, com filhos estudantes entre sete e 14 anos de idade. Os pais apresentam diferentes níveis de escolaridade, sendo o grupo 1 de pais com até ensino médio completo (Brasil = 47,2%; EUA = 27,2%) e o grupo 2 de pais com nível superior incompleto ou maior (Brasil = 49,4%; EUA = 69,1%). Entre três e quatro por cento dos participantes não informaram a escolaridade.

Instrumentos

Ficha de Dados Sociodemográficos. Ficha de dados que visa obter informações que possibilitem a descrição da amostra. Essa ficha foi desenvolvida pela equipe da pesquisa e inclui informações, tais como: nível de escolaridade, trabalho, quem é o principal responsável pelo filho(a).

Escala RASH (Tudge et al., 2014). A escala foi desenvolvida com base no modelo de *self* autônomo-relacionado de Kağıtçıbaşı (2005). Consiste em um questionário de 30 questões em formato de escala *likert* de nove pontos. As questões dizem respeito a valores que os pais gostariam que seus filhos tivessem desenvolvido quando adultos. Foi desenvolvida para medir separadamente as dimensões ortogonais de agência (autonomia e heteronomia) e distância interpessoal (separação e relação), gerando quatro fatores independentes: (a) autonomia (e.g., “É importante que teu/tua filho(a), quando adulto(a), busque alcançar seus objetivos, sem a ajuda de ninguém?”); (b) heteronomia (e.g., “É importante que teu/tua filho(a), quando adulto(a), cumpra seus deveres no trabalho, sem questionar?”); (c) separação (e.g., “É importante que teu/tua filho(a), quando adulto(a), consiga viver de forma independente sem sentir falta de outras pessoas?”) e (d) relação (e.g., “É importante que teu/tua filho(a), quando

adulto(a), se importe com o bem-estar dos outros?”). Destaca-se que a construção da escala envolveu cinco países: EUA, Brasil, China, Turquia e Rússia, com representantes nativos de cada país onde seria realizado o estudo, de forma a garantir o entendimento dos itens em várias línguas distintas, minimizando os processos de tradução e diferenças entre culturas.

Procedimentos de Coleta de Dados

No Brasil e nos EUA, estabeleceu-se contato com a direção de escolas para verificar se possuíam interesse de que seus estudantes participassem do estudo. Em caso afirmativo, os alunos receberam cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), da Ficha de dados sociodemográficos e da RASH. Os pais que consentiram com a participação de seus filhos no estudo, assinaram o TCLE e preencheram os instrumentos, retornando-os à escola. Nos EUA, por considerar-se apropriado, os professores responsáveis pela coleta dos documentos receberam \$2 (dois dólares) por cada TCLE retornado, independentemente desse consentimento ter sido obtido ou não.

Procedimentos de Análise dos Dados

Inicialmente, excluiu-se os participantes que não haviam preenchido no mínimo oitenta por cento dos dados da RASH, resultando em uma amostra 776 participantes. Os dados omissos foram tratados com imputação múltipla por regressão linear. Os conjuntos de dados resultantes obtiveram bons índices psicométricos analisados através do Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett.

A seguir, dividiu-se o arquivo em duas amostras aleatórias ($n_1 = 374$ e $n_2 = 402$). A primeira amostra foi usada para a Análise Fatorial Exploratória (AFE) com os 30 itens da escala RASH através do *software* SPSS (v. 20). Os critérios para análise da AFE foram o índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) superior a 0,8, *eigenvalues* superiores

a 1 e o *scree plot* (Cabrera-Nguyen, 2010; Hair et al., 2000; Worthington & Whittaker, 2006). Realizou-se a análise paralela através do *software* RStudio (v. 1.4.1717) para confirmar o número de fatores a serem retidos (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013). Com a amostra dois procedeu-se a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) por meio do *software* RStudio, a qual teve como critérios o *comparative-fit-index* (CFI), o *root mean square error approximation* (RMSEA) e o qui-quadrado χ^2 (Cabrera-Nguyen, 2010; Damásio et al., 2013). Após a CFA, procedeu-se a medida de equivalência ou invariância (ME/I) utilizando a função *measeq.syntax* () com os pacotes *lavaan* e *semTools* no RStudio para verificar a equivalência da escala RASH entre os diferentes grupos. Esse tipo de análise vem crescendo em importância, principalmente, quando se trabalha com estudos transculturais (Svetina & Rutkowski, 2019). A ME/I avalia a invariância configural (estrutura do instrumento e sua adequação para cada grupo utilizado), invariância métrica (cargas fatoriais entre grupos) e a invariância escalar (cargas e intersecções do modelo). Os critérios utilizados são os mesmos da CFA, incluindo a diferença de χ^2 ($\Delta \chi^2$). Entretanto, de acordo com Trimble e Vaughn (2013), deve-se ter cautela ao perseguir a equivalência em estudos transculturais, uma vez que a comparação pode levar a distorções da realidade. Realizou-se cálculos de médias e desvio padrão para cada fator da escala RASH. Por fim, usou-se correlação entre escolaridade dos pais e os tipos de valores elegidos na escala RASH.

Resultados

Submeteu-se a primeira amostra à AFE obtendo-se resultados favoráveis à fatoração (Worthington & Whittaker, 2006), com $KMO = 0,833$. Optou-se pelo método de componentes principais e rotação *Oblimin* em função da correlação entre itens e por resultarem em maior variância total explicada do modelo (Cabrera-Nguyen, 2010). Para selecionar o número de fatores a serem extraídos, considerou-se inicialmente dois

aspectos: *eigenvalues* superiores a 1,00 e análise do *scree plot* (Damásio et al., 2013). Os resultados de *eigenvalues* maiores que 1,00 indicaram seis fatores para extração. Entretanto, a análise do *scree plot* mostrou quatro componentes antes do ponto de inflexão. Procedeu-se à análise paralela, a qual confirmou a extração de quatro fatores. Após a rotação, excluiu-se os itens que apresentaram: (a) cargas inferiores a 0,40 e (b) carga fatorial em um fator distinto (Hair et al., 2000). Dessa forma, obteve-se uma escala com 16 itens divididos em quatro fatores, com uma variância explicativa de 55,81%. O resultado da consistência interna revelou um *Alpha de Crombach* = 0,81, com um índice satisfatório para a escala como um todo.

O modelo gerado pela AFE foi validado através da segunda amostra utilizando a AFC. Em função dos dados serem ordinais, optou-se por utilizar o estimador “*DWLS*”. Os resultados apontam para bons índices de ajustamento com CFI = 0,93, RMSEA = 0,05 com intervalo de confiança de 90%, e valor de χ^2 significativo (241,112; $df = 98$; $p < 0,001$), esperado para o tamanho da amostra utilizada (Nye & Drasgow, 2011). Além disso, analisou-se as amostras de Brasil e EUA separadamente, obtendo-se resultados satisfatórios para ambas as amostras. O modelo dos EUA obteve CFI= 0,98, RMSEA = 0,04 com intervalo de confiança de 90%, e valor de χ^2 significativo (163,358; $df = 98$, $p < 0,001$). O modelo do Brasil teve boa adequação apresentando CFI = 0,95, RMSEA = 0,04 com intervalo de confiança de 90%, e valor de χ^2 significativo (129,409, $df = 98$, $p < 0,001$). O resultado das cargas fatoriais encontradas após a AFC é apresentado na Tabela 1. Os resultados das medidas de equivalência foram satisfatórios para o modelo configural e métrico. O modelo escalar apresentou um valor razoável para CFI, assim como um valor limítrofe para RMSEA. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Calculou-se os escores de cada dimensão da RASH (Relação, Autonomia, Separação e Heteronomia). Os resultados indicam que, tanto nos EUA quanto no Brasil, os valores relacionados à separação apresentam menores índices. Em ambos os países, os escores apontam para a prevalência de valores de relação e autonomia (Tabela 3).

Quando analisados de acordo com o nível de escolaridade dos pais, os resultados sugerem que maior escolaridade aponta para menor ênfase em valores relacionados à heteronomia e menor foco em valores de separação. As correlações entre os níveis de escolaridade e os escores da RASH podem ser vistas na Tabela 4

Discussão

O presente trabalho buscou validar a escala RASH com duas amostras distintas (Brasil e EUA) através de análise fatorial. Realizou-se os passos de fatoraço encontrados na literatura: (a) análise fatorial exploratória, seguida por (b) fatorial confirmatória e, por fim, (c) análise de invariância de medida. Chegou-se a uma versão satisfatória da escala que representa os quatro fatores em separado: relação, separação, autonomia e heteronomia. Esse resultado possibilita ampliar o conhecimento acerca dos valores que os pais desejam que seus filhos desenvolvam, pois permite o acesso de valores que eram tidos como opostos em modelos anteriores, tanto autonomia e heteronomia quanto relação e separação.

Com relação à análise fatorial, a fatoraço inicial previu um modelo com seis fatores, ou seja, seis *eigenvalues* superiores a um. A análise do *scree plot* sugeriu a retenção de apenas quatro fatores, sendo que esse método é bastante recomendado por apresentar melhores ajustes ao modelo (Costello & Osborne, 2005). Entretanto, atualmente o método da Análise Paralela (AP) tem sido considerado mais adequado na determinação do número de fatores. A AP sugere que devem ser retidos os autovalores empíricos maiores dos que obtidos de forma randomizada (Damásio et al., 2013). Os

resultados da AP apontam cinco fatores para extração. Após a análise do gráfico, pode-se observar que um dos fatores apresentou carga inferior ao randomizado, o que sugere que pode ter ocorrido por erro amostral, restando, como esperado, quatro fatores para extração (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013). Os resultados obtidos através da fatoração exploratória da escala RASH indicam boa adequação do modelo de quatro fatores compostos por 16 itens, com KMO superior a 0,8, explicando uma variância de dados considerável, acima de 50%, significando que cada fator da escala realmente reflete um construto independente (Cabrera-Nguyen, 2010). Utilizou-se o estimador “DWLS” por proporcionar uma adequação mais robusta ao modelo com dados provenientes de escalas (Xia & Yang, 2019) e os índices obtidos (*CFI*, *RMSEA* e χ^2) sugerem um modelo com bom ajustamento tanto na amostra geral quanto nas amostras separadas por país (Hair et al., 2000).

Nas medidas de equivalência tanto o modelo configural quanto o métrico apresentaram resultados satisfatórios, indicando estrutura e cargas fatoriais equivalentes para os grupos avaliados (Svetina & Rutkowski, 2019). A equivalência escalar teve resultado limítrofe. Segundo a literatura (e.g., Liang et al., 2021; Marsh et al., 2018), esse tipo de resultado é frequentemente encontrado com escalas em estudos transculturais e pode estar relacionado com aspectos muito subjetivos de cada grupo de respondentes. As comparações entre diferentes culturas devem ser realizadas com cautela principalmente quando, de acordo com o modelo teórico, são esperados resultados diferentes nos dados obtidos entre países (Trimble & Vaughn, 2013).

O resultado obtido neste estudo aproxima-se daquele de Liang et al. (2021), no qual foram encontrados 15 itens divididos em quatro fatores. Em estudos transculturais, a validação de escalas em diferentes amostras auxilia a conferir evidência estatística, sugerindo que pode ser uma boa medida em diferentes culturas (Ferreira, 2014).

Pode-se afirmar que o modelo ortogonal de duas dimensões proposto por Kağıtçıbaşı (2005) trouxe grandes avanços para as pesquisas transculturais em valores, na área da psicologia do desenvolvimento. Entretanto, como já mencionado, o modelo também apresenta algumas limitações ao colocar cada dimensão como diametralmente oposta (Merçon-Vargas, 2017). Os resultados encontrados indicam a importância de valores relacionados à autonomia assim como de valores heterônomos, sugerindo que ambos se alternam nas preferências dos pais. A correlação entre as dimensões sugere que os quatro construtos não são opostos, isto é, a valorização de autonomia não implica em menor valor para a heteronomia, ou alta relação não se relaciona necessariamente com baixa separação, como foi constatado em outros estudos (Liang et al., 2021; Merçon-Vargas, 2017). Os valores que os pais desejam para seus filhos confirmam o padrão de *Self* autônomo-relacionado no Brasil e também nos EUA, sendo congruentes com aqueles encontrados em estudos anteriores (Liang et al., 2021; Martins et al., 2015; Seidl-de-Moura et al., 2017).

A literatura indica que o nível de escolaridade dos pais está associado com o tipo de valores que eles desejam para seus filhos (e.g., Chen, 2020; Seidl-de-Moura et al., 2017). O presente estudo reafirma esses achados quando indica que o nível de escolaridade dos pais apresenta uma correlação significativa negativa com os valores de heteronomia e separação, conforme apresentado na Tabela 4. Kağıtçıbaşı (2007) entende que os valores de autonomia e relação refletem as necessidades básicas humanas e se apresentam em famílias com estilos mais adaptativos. Talvez, a maior escolaridade dos pais permita maior acesso às informações o que pode levar a padrões familiares focados nessas necessidades básicas.

Considerações Finais

A análise fatorial da escala RASH sugere que esta pode ser um bom instrumento de medida para analisar os valores que os pais desejam que seus filhos desenvolvam no futuro. Sabe-se que construtos subjetivos tendem a ser difíceis de ser captados em escalas, ainda mais para uso em diferentes culturas. Os resultados deste estudo, contudo, indicam que o instrumento é satisfatório.

Com relação às limitações, os dados foram coletados em apenas uma cidade no Brasil. Considerando o tamanho e as diferenças regionais dentro de cada país, os resultados devem ser analisados com parcimônia. Além disso, a amostra contou com maior número de pais com alto nível de escolaridade, o que pode influenciar nos valores selecionados.

Apesar disso, o presente estudo avança na área de estudos transculturais de valores, na medida em que sugere uma nova medida que pode ser útil nessa investigação. Os resultados obtidos com a RASH superam as limitações encontradas no modelo bidimensional de Kağıtçıbaşı (2007), permitindo a presença concomitante de valores que seriam vistos como opostos. Isso pode ampliar o conhecimento acerca dos valores que os pais desejam para seus filhos. Importante destacar que a construção da escala RASH envolveu pesquisadores de diferentes culturas, sendo pensada como um instrumento transcultural desde sua concepção. A validação de instrumentos como a RASH pode auxiliar em estudos futuros sobre o tema, melhorando a qualidade das informações coletadas.

Referências

- About-Halabi, Y., & Shamai, M. (2016). The Role of Parents in Defining Collective Identity of Arab Adolescents in Israel. *Family Relations*, 65(2), 300–313.
<https://doi.org/10.1111/fare.12190>
- Albanese, G., De Blasio, G., & Sestito, P. (2016). My Parents Taught Me. Evidence on The Family Transmission of Values. *Journal of Population Economics*, 29(2), 571–592. <https://doi.org/10.1007/s00148-015-0574-8>
- Albert, I., & Trommsdorff, G. (2014). The Role of Culture in Social Development Over the Life Span: An Interpersonal Relations Approach. *Online Readings in Psychology and Culture*, 6(2), 1–30. <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1057>
- Alwin, D. F. (1988). From Obedience to Autonomy: Changes in Traits Desired in Children, 1924-1978. *The Public Opinion Quarterly*, 52(1), 33-52.
<https://www.jstor.org/stable/2749110>
- Averett, S. L., Argys, L. M., & Hoffman, S. D. (Eds.) (2017). *Introduction: Women, the Economy and Economics*. The Oxford Handbook of Women and the Economy. Retrieved from <http://oxfordhandbooks.com>.
- Barni, D., Ranieri, S., Donato, S., Tagliabue, S., & Scabini, E. (2017). Personal and Family Sources of Parent's Socialization Values: A Multilevel Study. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(1), 9-22.
<http://dx.doi.org/10,12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3468>
- Cabrera-Nguyen, P. (2010). Author Guidelines for Reporting Scale Development and Validation Results in the Journal of the Society for Social Work and Research . *Journal of the Society for Social Work and Research*, 1(2), 99–103.
<https://doi.org/10.5243/jsswr.2010.8>
- Chen, B. (2020). Socialization Values of Chinese Parents: Does Parents' Educational

- Level Matter? *Current Psychology*, 39(1), 511-517.
<https://doi.org/10.1007/s12144-017-9772-8>
- Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best Practices in Exploratory Factor Analysis: Four Recommendations For Getting the Most From Your Analysis. *Practical Assessment, Research and Evaluation*, 10(7), 7.
- Damásio, B. F., Psico, -Usf, & Paulista, B. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na Avaliação de Invariância de Instrumentos Psicométricos. *Psico-USF*, 18(2), 211–220.
<https://doi.org/10.1590/s1413-82712013000200005>
- Doepke, M., & Zilibotti, F. (Eds.) (2019). *Love, Money, and Parenting: How Economics Explains the Way We Raise Our Kids*. Princeton; Oxford: Princeton University Press. doi:10.2307/j.ctvc77fr1
- Doyle, O., Magan, I., Cryer-Coupet, Q. R., Goldston, D. B., & Estroff, S. E. (2016). “Don’t Wait for it to Rain to Buy an Umbrella:” The Transmission of Values From African American Fathers to Sons. *Psychology of Men and Masculinity*, 17(4), 309–319. <https://doi.org/10.1037/men0000028>
- Ferreira, L., Neves, A. N., Campana, M. B., & Tavares, M. C. G. C. (2014). Guia da AAOS/IWH: Sugestões Para Adaptação Transcultural de Escalas. *Avaliação Psicológica*, 13(3), 457-461.
- Hair, J. J. F., Black, W. C., & Sant’Anna, A. S. (2000). *Análise Multivariada de Dados* (6a. ed.).
- Heat, R., & Jayachandran, S. (2017). The Oxford Handbook of Women and the Economy In. S. L. Averett, L. M. Argys, & S. D. Hoffman Editor (Eds.), *The Causes and Consequences of Increased Female Education and Labor Force*

Participation in Developing Countries. Retrieved from

<http://oxfordhandbooks.com>.

- Kağıtçıbaşı, C. (1990). Family and Socialization in Cross-Cultural Perspective: A Model of Change. In J. Berman (Ed.), *Cross-Cultural Perspective: Nebraska Symposium on Motivation*. Nebraska University Press.
- Kağıtçıbaşı, C. (2005). Autonomy and Relatedness in Cultural Context Implications for Self and Family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *36*(4), 403–422.
<https://doi.org/10.1177/0022022105275959>
- Kağıtçıbaşı, C. (2007). *Family, Self, and Human Development Across Cultures: Theory and Applications*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Kağıtçıbaşı, C., & Ataca, B. (2015). Value of Children, Family Change, and Implications for the Care of the Elderly. *Cross-Cultural Research*, *49*(4), 374–392. <https://doi.org/10.1177/1069397115598139>
- Keller, H., Lamm, B., Abels, M., Yovsi, R., Borke, J., Jensen, H., Papaligoura, Z., Holub, C., Lo, W., Tomiyama, A. J., Su, Y., Wang, Y., & Chaudhary, N. (2006). Cultural Models, Socialization Goals, and Parenting Ethnotheories: A Multicultural Analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *37*(2), 155–172.
<https://doi.org/10.1177/0022022105284494>
- Liang, Y., Tudge, J. R. H., Mokrova, I. L., Freitas, L. B. L., Merçon-Vargas, E. A., Mendonça, S. E., O'Brien, L., Kiang, L., Payir, A., Cao, H., & Zhou, N. (2019). Measuring Parents' Developmental Goals for Their Children: Updating Kağıtçıbaşı Approach to Autonomy-Relatedness in the United States and China. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00421-8>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2013). FACTOR 9.2: A Comprehensive Program for Fitting Exploratory and Semiconfirmatory Factor Analysis and IRT Models.

Applied Psychological Measurement, 37(6), 497–498.

<https://doi.org/10.1177/0146621613487794>

Marsh, H. W., Guo, J., Parker, P. D., Nagengast, B., Asparouhov, T., Muthén, B., & Dicke, T. (2018). What to do When Scalar Invariance Fails: The Extended Alignment Method for Multi-group Factor Analysis Comparison of Latent Means Across Many Groups. *Psychological Methods*, 23(3), 524–545.

<https://doi.org/10.1037/met0000113>

Martins, G. D. F., Gonçalves, T. R., Marin, A. H., Piccinini, C. A., Sperb, T. M., & Tudge, J. (2015). Social Class, Workplace Experience, and Child-Rearing Values of Mothers and Fathers in Southern Brazil. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 46(8), 996–1009. <https://doi.org/10.1177/0022022115597067>

Merçon-Vargas, E. A. (2017). Children's Expressions of Gratitude and their Association with Cultural Values among Brazilians, Brazilians in the U. S., and U.S. Ethnic Groups. Tese de doutorado aprovada em *The University of North Carolina at Greensboro, North Carolina, USA*

Murphy, E. F., Gordon, J. D., & Mullen, A. (2004). A Preliminary Study Exploring the Value Changes Taking Place in the United States since the September 11, 2001 Terrorist Attack on the World Trade Center in New York. *Journal of Business Ethics*, 50, 81-96.

Nomaguchi, K., & Milkie, M. A. (2019). What Should Children Learn? Americans' Changing Socialization Values, 1986–2018. *Socius: Sociological Research for a Dynamic World*, 5, 237802311987901.

<https://doi.org/10.1177/2378023119879016>

Nye, C. & Drasgow, F. (2011). Assessing Goodness of Fit: Simple Rules of Thumb Simply do Not Work. *Organizational Research Methods*, 14(3), 548-570.

DOI: 10.1177/1094428110368562

Piaget, J. (1932/1994). *O Juízo Moral na Criança*. São Paulo, Summus.

Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M. M., & Pereira, C. R. (2017). Values' Family Flow: Associations Between Grandparents, Parents and Adolescent Children. *Journal Of Family Studies*, 23(1), 98-117.
<http://dx.doi.org/10.1080/13229400.2016.1187659>

Seidl-de-Moura, L., Fioravanti-Bastos, M. C., Carvalho, & Ziviani, C. (2013). Adaptação Brasileira das Escalas de Self Autônomo, Relacionado e Autônomo-Relacionado de Ç. Kağıtçıbaşı. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 12(2), 193–201.

Seidl-de-moura, M. L., Ramos, D. O., Pessôa, L. F., Carvalho, R. V. C., Victor, T. A. S., & Medes, D. M. L. F. (2017). Autonomia-Relacionada Como Tendência do Desenvolvimento do Self: Novas Evidências em um Contexto Brasileiro. *Psicologia Escolar e Desenvolvimento*, 33, 1-9.
<https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3333>

Stattin, H., & Kim, Y. (2018). Both Parents and Adolescents Project their own Values When Perceiving Each Other's Values. *International Journal of Behavioral Development*, 42(1), 106–115. <https://doi.org/10.1177/0165025417713728>

Strauss, C. (1992). Models and motives. In D'Andrade, R. G., Strauss, C. (Eds.), *Human Motives and Cultural Models* (pp. 1-20). New York, NY: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139166515.002>

Svetina, D., Rutkowski, L., & Rutkowski, D. (2020). Multiple-group Invariance With Categorical Outcomes Using Updated Guidelines: An Illustration Using Mplus and the Lavaan/SemTools Packages. *Structural Equation Modeling*, 27(1), 111-130. <https://doi.org/10.1080/10705511.2019.1602776>

- Trimble J. E., Vaughn, L. (2013). *Cultural Measurement Equivalence* In: K Keith, ed. *Encyclopedia of Cross-Cultural Psychology* New York: Wiley. 2014.
- Tulviste, T., Mizera, L., & Geer, B. (2012). Socialization Values in Stable and Changing Societies: A Comparative Study of Estonian, Swedish, and Russian Estonian Mothers. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 43(3). 480-497. 10.1177/0022022111401393.
- Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., Seidl-de-Moura, M. L., Mokrova, I. L., Kiang, L., & Payir, A. (2014). The Related Autonomous Separate Heteronomous (RASH) Scale. Unpublished Instrument. Porto Alegre, Brazil.
- Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., O'Brien, L. T., & Mokrova, I. L. (2018). Methods for Studying the Virtue of Gratitude, Cross-Culturally. In *Cross-Cultural Research, Special Issue on Cross-cultural Variations in the Development of the Virtue of Gratitude* (Merçon-Vargas, E. A., Poelker, & Tudge, J. R. H., Eds.), 52, 19–30. <https://doi.org/10.1177/1069397117737017>
- [Verma, S., & Sunil, S. \(2018\). Moral Socialization: The Role of Parents. *International Journal of Social Science Review* 6\(1\), 165-170.](#)
- Worthington, R. L., & Whittaker, T. A. (2006). Scale Development Research: A Content Analysis and Recommendations for Best Practices. *The Counseling Psychologist*, 34(6), 806–838. <https://doi.org/10.1177/0011000006288127>
- Xia, Y., & Yang, Y. (2019). RMSEA, CFI, and TLI in Structural Equation Modeling With Ordered Categorical Data: The Story They Tell Depends on the Estimation Methods. *Behavior Research Methods*, 51(1), 409–428. <https://doi.org/10.3758/s13428-018-1055-2>

Tabela 1*Cargas Fatoriais dos Itens da Escala RASH*

Itens	Geral		EUA		Brasil	
	Estimado (SE)	Std	Estimado (SE)	Std	Estimado (SE)	Std
G_rel						
J_rel	2,049	0,32	1,72	0,22	3,38	1,20
Q_rel	1,96	0,31	1,75	0,24	3,34	1,15
V_rel	1,55	0,25	1,50	0,20	1,30	0,05
C_aut						
L_aut	0,76	0,07	0,81	0,06	0,86	0,19
O_aut	0,95	0,08	0,93	0,06	1,37	0,28
U_aut	0,59	0,06	0,65	0,05	0,78	0,17
F_sep						
N_sep	0,88	0,08	0,75	0,05	1,31	0,19
S_sep	0,80	0,07	0,90	0,06	0,65	0,11
AA_sep	0,76	0,07	0,78	0,06	0,30	0,08
E_het						
H_het	0,96	0,08	0,90	0,06	0,76	0,10
I_het	0,85	0,08	0,80	0,06	0,61	0,09
P_het	0,77	0,06	0,68	0,05	0,78	0,09

Tabela 2

Análise de Medida de Invariância em Fatorial Confirmatória Multigrupos

Modelo	χ^2	<i>df</i>	<i>p</i>	$\Delta\chi^2$	Δdf	CFI	RMSEA	SRMR
Configural	256,44	196				0,97	0,024	0,071
Métrico	305,15	208	< ,001	48,71	12	0,96	0,048	0,075
Escalar	450,52	220	< ,001	145,38	12	0,90	0,062	0,088

N=443, $\Delta\chi^2$ = diferença balanceada do qui-quadrado; *CFI*= comparative fit index;
RMSEA = root mean square error approximation; *SRMR* = standardized root mean square residuals

Tabela 3

Médias e Desvio-padrão dos Escores RASH

País		Relação	Autonomia	Separação	Heteronomia
EUA	Grupo 1	27,65 (5,87)	27,36 (5,63)	19,75 (7,07)	26,61 (5,58)
	Grupo 2	29,07 (4,98)	24,43 (6,45)	11,78 (6,49)	22,17 (6,37)
	Total geral	28,63 (5,41)	25,28 (6,45)	14,12 (7,62)	23,48 (6,51)
Brasil	Grupo 1	30,26 (4,48)	27,17 (5,09)	17,78 (5,85)	23,78 (5,28)
	Grupo 2	30,46 (3,86)	25,57 (5,53)	15,46 (6,35)	17,86 (6,00)
	Total geral	30,41 (4,06)	26,27 (5,37)	16,53 (6,28)	20,29 (6,39)

Grupo 1: pais com até ensino médio completo; Grupo 2: pais com no mínimo ensino superior incompleto

Tabela 4

Correlações entre os Níveis de Escolaridade e os Escores da RASH

País	Relação	Autonomia	Separação	Heteronomia
EUA	0,121*	-0,208**	-0,477**	-0,311**
Brasil	0,024	-0,145*	-0,182*	-0,452**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Capítulo III: ESTUDO II

Socialização de valores parentais e mudanças nos valores desejados para os filhos

Resumo

A socialização de valores parentais é um importante processo através dos quais os filhos desenvolvem seus próprios valores. Uma das formas de se aprofundar nos estudos de socialização é podendo conhecer os valores que os pais têm para si e os valores que desejam para seus filhos no futuro. Este estudo investigou os valores pessoais dos pais e os valores que acreditam importantes que seus filhos desenvolvam. A amostra contou com 45 pais (86,7% mulheres) que responderam duas escalas, a PVQ-RR (*Portrait Values Questionnaire Revisited*) e a RASH (*Related, Autonomous, Separated, Heteronomous*). Os resultados da PVQ-RR sugerem a predominância de auto transcendência ($M = 24,54$; $DP = 3,68$) e conservação ($M = 21,67$; $DP = 4,04$). Os dados da RASH revelam maiores escores para relação ($M = 30,47$; $DP = 3,52$) e autonomia ($M = 25,24$; $DP = 5,56$). A correlação entre as duas escalas indica que os pais investem tanto na socialização de alguns dos seus valores, como na socialização de valores distintos dos seus. O presente estudo contribui com dados para o entendimento do processo de socialização de valores no Brasil podendo auxiliar na criação de ferramentas que venham a fomentar valores positivos para as próximas gerações.

Palavras-chave: Socialização de valores, desenvolvimento humano, pais

Abstract

The socialization of parental values is an important process through which children develop their own values. One of the ways to go deeper into socialization studies is to be able to know the values that parents have for themselves and the values that they want for their children in the future. This study investigated the personal values of parents and the values they believe are important for their children to develop. The sample included 45 parents (86.7% women) who answered two scales, the PVQ-RR (*Portrait Values Questionnaire Revisited*) and RASH (*Related, Autonomous, Separated, Heteronomous*). The results of the PVQ-RR suggest the predominance of self-transcendence ($M = 24.54$; $SD = 3.68$) and conservation ($M = 21.67$; $SD = 4.04$). The RASH data reveal higher scores for relation ($M = 30.47$; $SD = 3.52$) and autonomy (M

= 25.24; SD = 5.56). The correlation between the two scales indicates that parents invest both their values and values different from their own in the socialization process. The present study contributes for the understanding of the process of socialization of values in Brazil and can improve interventions that will foster positive values for the next generations.

Key-words: Socialization values, human development, parents

Resumen

La socialización de los valores de los padres es un proceso importante a través del cual los niños desarrollan sus propios valores. Una de las formas de profundizar en los estudios de socialización es poder conocer los valores que los padres tienen para sí mismos y los valores que quieren para sus hijos en el futuro. Este estudio investigó los valores personales de los padres y los valores que creen que son importantes para el desarrollo de sus hijos. La muestra incluyó a 45 padres (86,7% mujeres) que respondieron dos escalas, el PVQ-RR (Cuestionario de valores de retrato revisado) y RASH (Relacionado, autónomo, separado, heterónimo). Los resultados del PVQ-RR sugieren el predominio de la autotrascendencia ($M = 24.54$; $DT = 3.68$) y la conservación ($M = 21.67$; $DT = 4.04$). Los datos de RASH revelan puntuaciones más altas en relación ($M = 30,47$; $SD = 3,52$) y autonomía ($M = 25,24$; $SD = 5,56$). La correlación entre las dos escalas indica que los padres invierten tanto en la socialización de algunos de sus valores como en la socialización de valores distintos a los suyos. El presente estudio aporta datos para la comprensión del proceso de socialización de valores en Brasil y puede ayudar en la creación de herramientas que fomenten valores positivos para las próximas generaciones.

Palabras clave: socialización de valores, desarrollo humano, padres

Introdução

Os valores que os pais têm para si são similares aos valores que desejam para seus filhos? O presente estudo busca conhecer os valores que pais têm para si e os valores que desejam que seus filhos desenvolvam, com base nas teorias desenvolvidas por Schwartz (2012), cujo foco são os valores humanos básicos, e Kağıtçıbaşı (2005), que busca compreender a socialização de valores dentro das diferentes culturas.

Alguns estudos mostram que há uma correlação entre os valores pessoais dos pais e os valores que eles desejam para seus filhos (Albanese et al., 2016; Barni, et al., 2017, Knafo-Noam et al., 2020). Contudo, sabe-se que os valores não são simples cópias passadas entre gerações. A expressão “transmissão de valores”, que sugere um processo unilateral de pais para filhos, foi aos poucos sendo substituída pela expressão “socialização de valores”, que implica em uma construção que ocorre entre os indivíduos, não se tratando de simples cópias (Tam & Lee, 2010; Tamm & Tulviste, 2020). Nesse processo de construção de valores por uma nova geração, os valores das mães aparecem como mais relacionados aos valores dos filhos (Hoellger et al., 2020). Essa relação mais estreita entre os valores maternos e a socialização é congruente com nossa cultura, na qual até os dias atuais as mulheres são as mais envolvidas em atividades relacionadas ao cuidado e desenvolvimento dos filhos (Lins et al., 2015). Entretanto, pode-se encontrar câmbios nos valores socializados que visem uma melhor adaptação dos jovens às mudanças políticas, econômicas e sociais que ocorrem em seu entorno (Doepke & Zilibotti, 2019; Murphy et al., 2004; Hoellger et al., 2020; Nomaguchi & Milkie, 2019).

O nível de escolaridade dos pais também aparece como correlacionado aos valores que desejam para seus filhos. Pessoas com nível de escolaridade até ensino médio têm maior probabilidade de enfatizar valores de heteronomia (Chan, 2020; Chen, 2018; Seidl-de-Moura, 2017). Pais geralmente medem o sucesso pessoal e profissional de acordo com os seus valores, e o nível de escolaridade é uma variável importante nesse caso. Menores níveis de educação tendem a se correlacionar com tipo de trabalho onde valores como obediência, respeito e seguir as regras, são fundamentais para o sucesso profissional, levando os pais a fomentarem esse tipo de valor em seus filhos (Kohn et al., 1979; Tudge et al., 2018). Para que se possa compreender esse processo de socialização, faz-se necessário entender o significado de valores e qual sua importância para a manutenção da vida em uma sociedade.

Importância dos valores

Nossos valores não são inatos e sim uma construção que ocorre ao longo do nosso desenvolvimento e que são influenciados por valores familiares, culturais, econômicos e políticos (Palhares & Freitas, 2017; Pescaru, 2019). De um lado temos os valores culturais, que se traduzem em regras, leis e obrigações que devemos cumprir para que possamos estar integrados a uma sociedade. De outro lado temos os valores pessoais, ou seja, aquilo que valorizamos reflete em nossas relações interpessoais e serve como guia para atingirmos nossos objetivos (Schwartz, 1992). O estudo de valores permite investigar e compreender inúmeras variáveis desde aspectos de personalidade até o funcionamento das organizações (Torres et al., 2016). Além disso, conhecer os valores de determinada população permite investigar sobre o funcionamento social e econômico de cada cultura (Averett et al., 2017; Doepke & Zilibotti, 2019). Conhecer mais a fundo a socialização de valores parentais pode auxiliar no desenvolvimento de valores mais positivos e melhor qualidade de vida para os indivíduos (Palhares & Freitas, 2017).

O ano de 2020 ficará marcado na história do mundo por conta da pandemia do Covid-19, um novo vírus que rapidamente se alastrou por todos os continentes, obrigando todos os países a fecharem suas portas. Apesar de cada país lidar com a situação à sua maneira, o isolamento social foi um dos mecanismos cruciais para frear o avanço da contaminação. Nesse cenário, os Estados Unidos da América (EUA), obteve destaque por conta do grande número de mortos e infectados com a doença, um dos maiores índices do mundo, sendo superado no momento pelo Brasil (WHO, 2020; 2021). Pesquisas recentes ao redor do mundo vêm analisando a relação entre os valores pessoais e a adesão aos protocolos de isolamento e autocuidado em relação ao COVID-19. Estudo britânico indicou que indivíduos com valores como responsabilidade e segurança, tendem a se proteger mais e auxiliar suas comunidades a enfrentar a pandemia (Wolf et al., 2020). Estudo da Espanha investigou 1.234 participantes durante a primeira fase de isolamento e os resultados sugerem que a aderência dos indivíduos às normas de saúde estava relacionada aos valores de humanidade, segurança e conformidade, enquanto os indivíduos com baixa aderência indicaram o predomínio de valores hedonistas e de poder (Tabernero et al., 2020). Estudo realizado com 67 países (inclusive Brasil) entrevistou 46.769 pessoas e seu comportamento, frente À COVID-19 (Bavel et al., 2020). Os resultados mostram que países como Singapura, Japão e

China, onde a obediência às regras são mais valorizadas e a desobediência sofre punição, os protocolos de saúde foram respeitados. Já em países como Brasil, EUA e Itália, as regras muitas vezes não são claras e a desobediência torna-se impune frente a um conjunto de regras permissivas, levando a população a uma menor adesão aos protocolos. A situação atual demanda ações coletivas e a capacidade cooperativa o que pode ser difícil para uma população que baseia seus valores no individualismo (Germani et al., 2020). Esse é um bom exemplo de como os valores pessoais podem impactar no funcionamento social.

Estudos em outras partes do mundo indicam uma relação entre os valores dos indivíduos e a adesão aos protocolos de cuidados propostos pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020). No Brasil, indivíduos com valores pautados no individualismo e com poucos valores cooperativos, tendem à não utilização de máscaras e cuidados com a higiene (Bavel et al., 2020). Estudo que envolveu Bósnia, Croácia, Herzegovina e Sérvia indicou que os indivíduos com sistemas de valores pautados na universalidade, tradição e conformidade, mostraram confiar e atender os protocolos na pandemia (Vinogradac, 2020). Além disso, o estudo de Bintube (2020) aponta para mudanças importantes nos sistemas de valores pós-pandemia e salienta a importância de valores cooperativos e universais para um mundo melhor no futuro, uma vez que, ao longo de 2020, vimos o crescimento de comportamentos racistas, violentos e extremistas, principalmente nos EUA, no Brasil e na Índia.

Socialização de Valores

O processo pelo qual desenvolvemos nossos valores é denominado de socialização, ou seja, nossas relações com pais, escola, amigos e sociedade, diferentes valores vão nos sendo apresentados e cada indivíduo tende a eleger os valores que acredita serem mais necessários para sua vida (Lewis-Smith et al., 2020; Pescaru, 2019). Kagitcibasi (1996) refere que o desenvolvimento humano é resultado da socialização em conjunto com a maturação, levando ao sentimento de pertencer a uma sociedade. O entendimento da socialização de valores envolve a compreensão do funcionamento e comportamento dos indivíduos na busca de respostas para questões que reflitam suas características e seu papel dentro dos grupos a que pertence (Yeh & Hunter, 2004). Estudos indicam que há uma correlação significativa entre os valores dos pais e os valores de seus filhos (e.g., Della-Giusta et al., 2017; Knafo-Noam et al., 2020). Ao mesmo tempo, sabe-se que os pais buscam desenvolver valores que acreditam contribuir

para melhor adaptação de seus filhos ao ambiente e buscam acompanhar as mudanças sociais, econômicas e políticas que podem influenciar no futuro dos filhos, proporcionando mudanças nos valores socializados (Heath & Jayachandran, 2017).

Embora os valores se construam ao longo do desenvolvimento, o período da adolescência parece ser mais impactado pelo reflexo dessa construção. Nossos valores são compostos em uma hierarquia que se organiza por grau de importância, sendo influenciada por diferentes situações. Os valores que elegemos estão relacionados com inúmeras escolhas, principalmente em relação às metas de vida futuras, sendo na adolescência as escolhas se tornam cruciais podendo direcionar, da melhor ou pior forma, o caminho para a vida adulta (Iijima et al., 2020).

O estudo sobre a importância do desenvolvimento de valores vem crescendo em muitos países por se tratar de um tema que está intimamente ligado a melhores níveis de satisfação com a vida (Foad et al., 2020; Kiang et al., 2018; Ladeira et al., 2016; Schwartz & Sortheix, 2018; Watanabe et al., 2019). As pesquisas em torno do desenvolvimento de valores podem auxiliar a implementação de intervenções que venham a fomentar valores positivos e maior satisfação com a vida.

Pesquisas em Valores

Muitas das escalas utilizadas em pesquisas sobre valores, consideram um modelo de presença/ausência. Um dos exemplos é a teoria de Individualismo-Coletivismo (I-C) (Hofstede, 1980), que se baseia na existência de dois polos culturais opostos nos quais predominam valores individualistas (como nos EUA) ou coletivistas (por exemplo, na China). Markus e Kitayama (1991) sugerem duas outras dimensões – Independência e Interdependência –, que seriam também conjuntos de valores opostos. A fragilidade dessas teorias foi apontada por estudos que perceberam haver uma combinação de valores como, por exemplo, regiões dos EUA com predomínio de coletivismo e regiões chinesas com altos índices de valores individualistas (Fijneman et al., 1996; Takano & Osaka, 1999; Vandello & Cohen, 1999). É correto afirmar, porém, que ambas as teorias foram importantes para o conhecimento acerca dos valores e impulsionaram novos estudos, os quais possibilitaram rever essa visão dicotômica (Kağıtçıbaşı, 2005; Schwartz & Bilsky, 1987).

De acordo com Yeh & Hunter (2004), os valores que escolhemos buscam responder questões como “Quem eu sou? Qual meu papel na família e na sociedade? Como me relaciono com as demais pessoas? Que tipos de comportamentos são

socialmente aceitáveis?” (p. 78). As perguntas acima destacam a interação entre valores pessoais e culturais, ressaltando a complexidade do tema que necessita de modelos que abarquem aspectos pessoais e culturais.

De um lado temos Schwartz, um pesquisador americano que tem buscado compreender os valores pessoais dos indivíduos em inúmeros países, contribuindo com uma visão acerca dos valores que as pessoas têm para si em diferentes partes do mundo. De outro lado, Kağıtçıbaşı, uma pesquisadora turca, avançou na formulação de uma teoria sobre socialização de valores em estudos transculturais. Esses dois pesquisadores compartilharam o desejo acadêmico de conhecer como os valores impactam nossas vidas, assim como as semelhanças e diferenças entre culturas diversas, ampliando os modelos anteriores de compreensão do tema.

A escala de valores pessoais de Schwartz

Um dos importantes marcos no estudo de valores dentro da psicologia está na contribuição de Rokeach (1973) ao propor uma forma de avaliar os valores através do *Rokeach Values Survey* (RVS). Desde então o estudo de valores vem crescendo de forma a refinar conceitos e compreender o impacto positivo ou negativo dos valores em nossas vidas. Uma das teorias que mais tem avançado nessa área denomina-se Valores Humanos Básicos que vem sendo refinada a fim de lhe conferir maior validade discriminante e preditiva (Schwartz & Bilsky, 1987).

Em 1987, Schwartz e Bilsky desenvolveram uma teoria de tipos de valores com base no conceito de que “valores são representações cognitivas de três requisitos humanos básicos: necessidades biológicas, interação interpessoal e demandas sociais de bem-estar e sobrevivência” (p. 551). Inicialmente seus estudos buscaram agrupar os valores pessoais em três domínios: valores individuais, valores coletivos e valores mistos. A escala RVS foi utilizada com uma amostra de israelenses e uma amostra de alemães e os resultados obtidos levaram a sete domínios motivacionais, consistentes com as duas amostras. Com esse estudo, Schwartz e Bilsky (1987) aprofundam a teoria da existência de valores pessoais universais, contribuindo para a identificação, predição e interpretação dos valores pessoais em diferentes culturas. Nascia assim a teoria de valores humanos básicos.

Na continuidade de seu trabalho Schwartz (1992) iniciou um projeto baseado em três questões relativas aos valores pessoais prioritários: (a) são afetados pelas experiências sociais? , (b) afetam o comportamento humano e suas escolhas? e (c)

existem diferenças entre culturas? A primeira parte do projeto buscou verificar a universalidade dos valores, ou seja, como os valores se comportam em termos de conteúdo, abrangência, equivalência e estrutura. Foi criada a escala de valores humanos básicos e aplicada em 20 países e os dados obtidos resultaram em um modelo com dez tipos motivacionais, indicando universalidade na maioria dos valores estudados. As perguntas iniciais foram respondidas em estudos futuros indicando que valores são crenças conectadas aos afetos, se referem a objetivos desejáveis, transcendem ações e situações específicas, se apresentam como padrões ou critérios, são ordenados por importância e guiam nossos comportamentos (Schwartz et al., 2012).

Ao longo das últimas décadas, os estudos de Schwartz foram realizados em muitos países com amostras significativas que permitiram que a teoria fosse refinada até chegar em uma escala que abarca 19 valores divididos em quatro dimensões (auto transcendência, conservação, autopromoção e abertura à mudança), mantendo a ideia original de ser uma escala para avaliar os valores nos quais os indivíduos pautam suas vidas (valores pessoais), refletindo em um contínuo motivacional circular (Figura 3) (Schwartz, 2012). Apesar do modelo ampliar a dicotomia presente nos modelos anteriores, ainda persiste o funcionamento no formato presença-ausência. Na escala *Portraits Values Questionnaire Revised* (PVQ-RR) cada dimensão agrupa um certo número de valores sendo os valores descritos em termos de metas motivacionais com definições conceituais próprias (Figura 4).

Figura 3.

Modelo dos 19 valores de Schwartz (adaptado de Schwartz et al., 2012)

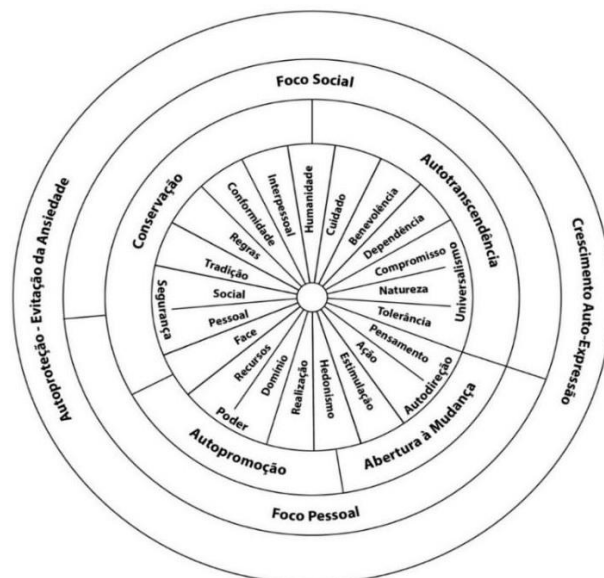
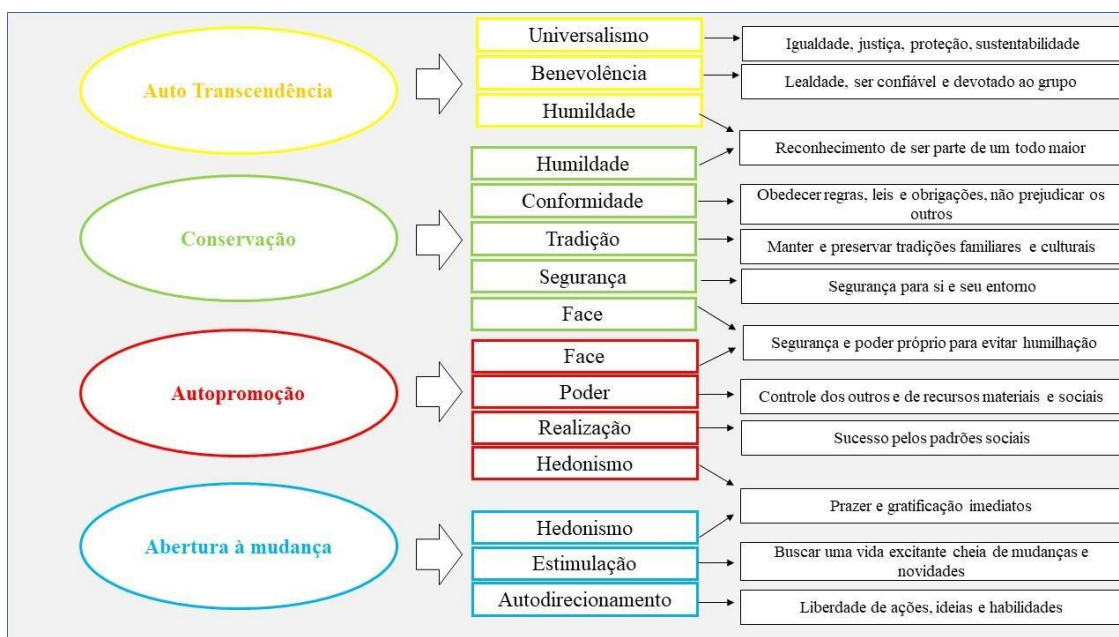


Figura 4.

Descrição dos tipos motivacionais por dimensão (adaptado de Schwartz, 2012)



Auto transcendência inclui os valores de humanidade, cuidado, benevolência, dependência e universalismo. Conservação engloba os valores de face, segurança, tradição, regras, conformidade, interpessoais e humanidade. Autopromoção conta com face, poder, realização e hedonismo. Por fim, abertura à mudança está relacionada aos valores hedonismo, estimulação e autodireção. Alguns valores aparecem como compartilhados entre dimensões contínuas como Hedonismo (Autopromoção e Abertura), Humanidade (Conservação e Auto transcendência) e Face (Conservação e Autopromoção).

A PVQ-RR foi utilizada em 15 amostras em um total de 10 países indicando bons índices de validade discriminante em todos os grupos testados. Recentemente, a escala foi testada com uma amostra brasileira, onde também apresentou bons índices psicométricos (Torres et al., 2016).

No Brasil, muitos dos estudos envolvendo o modelo de Schwartz (2012) foram realizados nas áreas organizacionais e de *marketing* (e.g., Almeida & Sobral, 2009; Watanabe et al., 2019). Nas organizações, o foco dos estudos recai na investigação e promoção de valores que agreguem resultados positivos para o funcionamento das empresas (Torres et al., 2016). Na área de *marketing*, o interesse é mais voltado para

formação de perfis de consumidores, impactando na alta de venda de diferentes produtos (Alfinito et al., 2019; Watanabe et al., 2019).

Dentro da psicologia, alguns estudos realizados no Brasil sobre a estrutura de valores básicos trazem informações importantes para o entendimento de nossa cultura. Torres e colaboradores (2015) realizaram uma meta-análise envolvendo 19 estudos sobre valores pessoais de todas as regiões do Brasil. Os resultados indicam diferenças entre cada região, provavelmente em função de aspectos históricos e da influência de imigrantes de distintos países em cada região. Na região sul do Brasil, os principais valores encontrados foram os relacionados à Auto Transcendência e Conservação.

O estudo de Teixeira e colaboradores (2014), realizado com a versão de 21 itens do PVQ-RR em uma amostra brasileira, sugere cautela quando da interpretação dos resultados da escala. Os dados encontrados mostraram que valores como Hedonismo e Estimulação ocuparam uma mesma região, sugerindo dificuldade na discriminação. Era esperado que os valores de Universalismo e Benevolência, e Conformidade e Tradição, estivessem próximos, o que não se verificou na prática. A diversidade e complexidade de nossa cultura alerta para a interpretação dos resultados, indicando a presença de diferentes grupos de valores dentro do mesmo país (Dessen & Torres, 2019).

As escalas do modelo de autonomia-relação de Kağıtçıbaşı

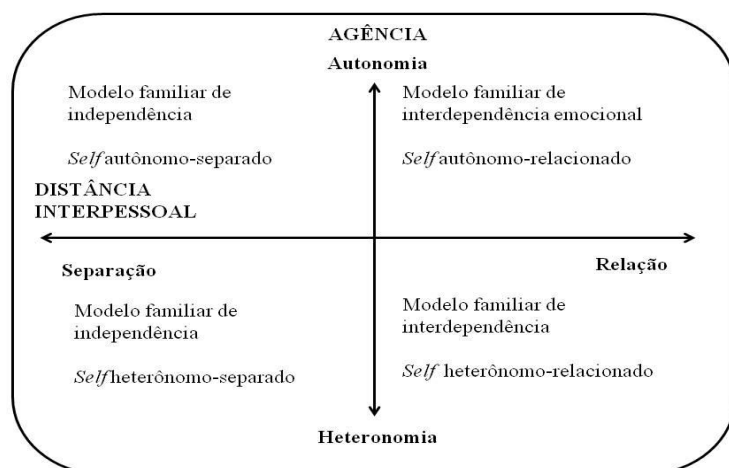
Assim como os estudos de Rokeach (1973) serviram de ponto de partida para as escalas de Schwartz e Bilsky (1987), os estudos de Hofstede (1980) serviram de base para as escalas de Kağıtçıbaşı (2007). Partindo da ideia que cada dimensão do I-C contava com valores que poderiam ser separados entre valores normativos (referente às regras, normas, leis) e valores relacionais (valores com foco na interrelação), surge um modelo bidimensional ortogonal para melhor representar as variadas nuances dos valores em culturas distintas (Kağıtçıbaşı, 2005).

Ao invés de um contínuo unidimensional como I-C, Kağıtçıbaşı (2005) sugere a existência de dois eixos: agência, variando de autonomia à heteronomia, e distância interpessoal, variando de separação à relação. No eixo de agência, autonomia reflete uma disposição dos indivíduos de internalizar as regras e dirigir suas ações nesse sentido, não necessitando de imposições externas para controlar seu comportamento e suas escolhas, enquanto heteronomia indica a necessidade de obedecer às regras que são colocadas pelo entorno, estando presente nas pessoas que precisam receber controles externos para emitir seus comportamentos. No eixo de distância interpessoal, pode

haver predomínio de relação, onde os valores dos indivíduos consideram a importância dos outros e da coletividade, ou predomínio da separação, que pode ser traduzida por comportamentos mais individualistas. A combinação de cada eixo resulta em quatro combinações, como visto na Figura 5.

Figura 5.

Agência, distância interpessoal e tipos de self



Estudos realizados no Brasil sugerem a ênfase na socialização de valores de autonomia e relação (Seidl-de-Moura et al, 2017; Tudge et al., 2018; Vieira et al., 2013). Algumas variáveis aparecem como relacionadas aos tipos de valores elencados, tais como nível de escolaridade dos pais (quanto maior escolaridade maior autonomia) e idade dos filhos (quanto menores os filhos mais heteronomia). Contudo, algumas vezes não é uma tarefa fácil discernir entre o tipo de valores elencados. Estudos realizados encontraram a presença concomitante de valores relacionados à autonomia com valores heterônomos, o mesmo ocorrendo na dimensão de distância interpessoal (Liang et al., 2019; Merçon-Vargas, 2017). Uma solução para acessar toda a gama de valores que os pais desejam que seus filhos desenvolvam é trabalhar com os valores em separado, evitando construtos dimensionais. Assim foi construída a escala RASH.

A escala RASH – Relação, Autonomia, Separação e Heteronomia

Partindo do modelo Kağıtçıbaşı (2005), a escala RASH busca compreender cada uma das dimensões (autonomia relacionada, autonomia separada, heteronomia relacionada e heteronomia separada) como fatores independentes (autonomia, heteronomia, relação e separação), permitindo visualizar quais os tipos de valores estão presentes na socialização parental (Tudge et al., 2014). Importante destacar que, no

Brasil, as escalas de *Self* Autônomo, Relacionado e Autônomo-Relacionado (Kağıtçıbaşı, 2007) foram adaptadas e obtiveram índices de consistência interna moderados, sugerindo que novas medidas possam contribuir de forma mais significativa com o tema (Seidl-de-Moura et al., 2013).

No preenchimento da RASH, os pais são solicitados a responder sobre os valores que desejam que seus filhos desenvolvam. As respostas são obtidas através de uma escala *Likert* de nove pontos variando de “Nada importante” até “Extremamente importante” em cada um dos itens. No início da escala é feita a seguinte pergunta: “É importante que teu/tua filho(a), quando adulto(a), ...”. Aqui temos alguns exemplos de cada fator: (a) Relação: “... se importe com o bem-estar dos outros?”, (b) Autonomia: “... tente não depender dos outros para alcançar seus objetivos?”, (c) Separação: “... consiga viver de forma independente sem sentir falta de outras pessoas?” e (d) Heteronomia: “... cumpra seus deveres no trabalho sem questionar?”.

Valores pessoais e valores culturais: desafio em psicologia

Conforme mencionado, o estudo de valores deve englobar tanto aspectos pessoais quanto culturais. Segundo Fischer e colaboradores (2010), a busca por teorias que abarquem tanto o nível individual quanto o cultural é um dos desafios das pesquisas transculturais em psicologia. Os autores buscaram, através de análises multidimensionais, compreender o grau de similaridade entre o I-C de Hofstede (1980) e PVQ-57 (Schwartz, 2012), conseguindo resultados substancialmente similares.

Buscou-se, na literatura, estudos que aproximassem o PVQ com a escala de *Self Autônomo Relacionado*, pensando nas similaridades das duas abordagens. Não foram encontrados estudos nesse sentido. Embora a escala PVQ-RR tenha sido desenvolvida para investigar valores básicos pessoais e a escala RASH tenha como objetivo verificar quais os valores que os pais desejam para seus filhos, acredita-se que, teoricamente, suas dimensões podem ser similares. Procedeu-se a análise da descrição de cada dimensão o que proporcionou a indicação de correspondências entre os dois instrumentos, gerando um modelo como indicado na Figura 6.

Figura 6.

Possibilidade de similaridade entre VPP e VDF

Auto transcendência Relação	Abertura à mudança Autonomia e Separação
Autopromoção Autonomia e Separação	Conservação Heteronomia

Na escala PVQ temos as dimensões de auto transcendência, autopromoção, abertura à mudança e conservação. A RASH conta com relação, autonomia, separação e heteronomia. Auto transcendência e relação refletem valores ligados a interdependência e cuidado tanto com os outros indivíduos quanto com o ambiente. Conservação e heteronomia que se relacionam à manutenção de regras e tradições, mais ligadas à obediência. Os valores de autopromoção e abertura à mudança envolvem a busca por objetivos, sucesso, liberdade de ideias, prazer e uma vida excitante. Sendo assim, pode-se entender que englobam tanto aspectos relacionados à autonomia quanto à separação.

O objetivo deste trabalho é investigar se existe relação entre os valores pessoais dos pais (VPP) e os valores que eles desejam para os seus filhos (VDF). espera-se encontrar uma maior presença dos valores de abertura à mudança e auto transcendência, verificados com a escala PVQ e valores de autonomia e relação, obtidos pela escala RASH. Espera-se uma correlação entre autonomia e maiores níveis de escolaridade dos pais. Além disso, espera-se contribuir para um modelo que aproxime PVQ e RASH, que possa, futuramente, contribuir com novas escalas para o estudo da socialização de valores, contemplando valores pessoais e culturais.

Método

Participantes

Participaram do estudo 45 pais brasileiros (86,7% mulheres, 24,4% com escolaridade até ensino médio).

Instrumentos

Ficha de dados Sociodemográficos. Ficha de dados que visa obter informações que possibilitem a descrição da amostra. Essa ficha foi desenvolvida pela equipe da pesquisa e inclui informações, tais como: nível de escolaridade, trabalho, quem é o principal responsável pelo filho(a).

Escala RASH (Tudge et al., 2014). A escala foi desenvolvida com base no modelo de *self* autônomo-relacionado de Kağıtçıbaşı (2005). Consiste em um questionário de 30 questões em formato de escala *likert* de nove pontos, variando entre um (Nada importante) e nove (Extremamente importante). As questões dizem respeito a valores que os pais gostariam que seus filhos tivessem desenvolvido quando adultos. Foi desenvolvida para medir separadamente os construtos de relação, autonomia, separação e heteronomia. Uma vez respondidas essas questões, os pais deviam responder também quais os três valores mais e menos importantes para que seus filhos desenvolvessem.

Portrait Value Questionnaire Revised (Schwartz et al., 2012). Por contar com a versão mais recente e apresentar bons índices psicométricos, o presente estudo utilizou a escala validada por Torres e colaboradores (2016). Cabe reiterar que foram encontrados poucos estudos no Brasil que utilizem a escala para investigar o desenvolvimento de valores, sendo a utilização mais comumente encontrada na área de perfis de consumidores. Os estudos brasileiros concentram-se em adaptações e validações das escalas desenvolvidas (Lins et al., 2016; Torres et al., 2016). A escala é composta de 57 afirmações sobre valores de uma pessoa hipotética e cabe aos participantes responderem o quanto essa pessoa se parece ou não com ele. As respostas são no formato escala *likert* de seis pontos, variando entre um (Não se parece nada comigo) até seis (Se parece muito comigo). Os itens englobam valores básicos humanos que são encontrados na maioria das culturas.

Procedimentos de coleta de dados

Estabeleceu-se contato com a direção de escolas para verificar se possuíam interesse de que seus estudantes participassem do estudo. Em caso afirmativo, os alunos receberam cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), da Ficha de dados sociodemográficos e da RASH. Os pais que consentiram com a participação no estudo, assinaram o TCLE e preencheram a RASH, retornando-a à escola. Uma amostra do total de entrevistados foi contatada por telefone e participou de um segundo momento da pesquisa, de forma presencial, no qual os pais preencheram a PVQ-RR.

Procedimentos de análise dos dados

Devido ao tamanho da amostra obtida, optou-se por estatísticas básicas com a finalidade de investigar os resultados (Field, 2009). Os dados obtidos com a PVQ-RR foram corrigidos de acordo com o manual disponibilizado por Schwartz e colaboradores (2012) para evitar vieses na escala. Calculou-se os 19 valores iniciais assim como os valores de cada dimensão. Em relação a RASH, utilizou-se a escala com itens reduzidos de acordo com o resultado obtido anteriormente em análise fatorial confirmatória. Os dados primeiramente foram correlacionados e, as correlações significativas foram confirmadas através de regressão.

A fim de verificar similaridades e dissimilaridades entre os dados (Saeed et al., 2018), utilizou-se o Escalonamento Multidimensional (MDS). Utilizou-se o *software* SPSS (v. 20) para as estatísticas. Com o auxílio do *software RStudio* (v. 1.3.1093), fez-

se uma análise de correlação para investigar a relação entre as dimensões das duas escalas.

Resultados

Através das respostas ao PVQ-RR, analisou-se os valores que os pais têm para si e verificou-se possíveis correlações. Os dados informados pela RASH também foram investigados em termos de estatísticas descritivas. Buscou-se correlacionar os resultados entre PVQ-RR e RASH a fim de determinar as correlações entre as escalas, permitindo analisar semelhanças e diferenças entre os VPP e VDF.

Estatísticas descritivas

Os resultados da PVQ-RR indicam a prevalência de valores de auto transcendência ($M = 24,54$; $DP = 3,68$) e conservação ($M = 21,67$ $DP = 4,04$), seguidos pelos valores de abertura à mudança ($M = 17,15$; $DP = 2,95$) e autopromoção ($M = 9,33$; $DP = 2,80$). Encontrou-se uma correlação significativa negativa entre auto transcendência e os valores de abertura à mudança ($r = -0,59$; $p < 0,001$) e autopromoção ($r = -0,48$; $p < 0,001$). Conservação também apresentou correlação significativa negativa com abertura à mudança ($r = -0,57$; $p < 0,001$) e autopromoção ($r = -0,43$; $p < 0,001$). A correlação entre PVQ-RR e nível de escolaridade dos pais apontou correlação significativa entre os valores de auto transcendência e nível de escolaridade ($r = 0,36$; $p < 0,05$)

Os dados obtidos om a RASH sugerem que pais desejam principalmente valores relacionados à relação ($M = 30,47$; $DP = 3,52$) e autonomia ($M = 25,24$; $DP = 5,56$), em detrimento a valores de heteronomia ($M = 20,44$; $DP = 6,05$) e separação ($M = 16,38$; $DP = 6,90$). Um dos fatores que impactam a escolha dos valores é o nível de escolaridade. Sendo assim, buscou-se conhecer as frequências da RASH separadas em dois grupos, sendo o primeiro de pais com até ensino médio completo ($n=11$), e o segundo de pais com ensino superior incompleto ou maior ($n=34$). Os resultados sugerem que maiores níveis de escolaridade estão relacionados com menores escores em heteronomia ($r = -0,41$, $p < 0,001$). As correlações com grupo etário dos filhos não foram significativas.

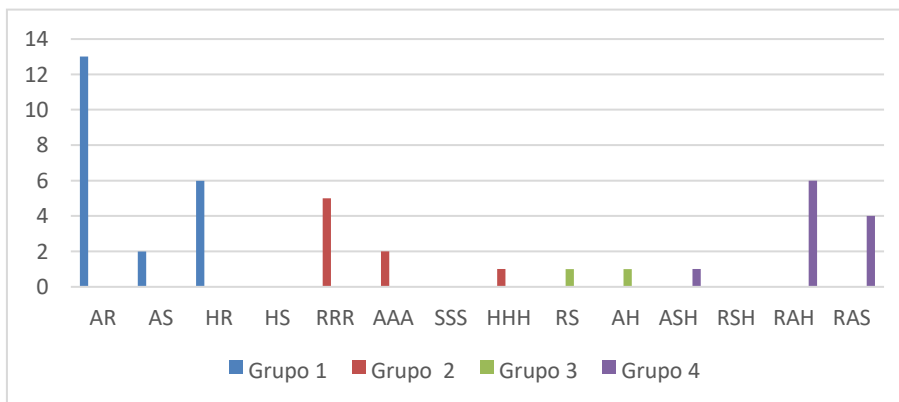
Analisou-se as respostas dos pais sobre os três valores mais importantes que desejam que seus filhos desenvolvam. Os resultados foram divididos em quatro grupos:

- Grupo 1: combinações possíveis de acordo com o modelo Autônomo-Relacionado – Autonomia-Relação, Autonomia-Separação, Heteronomia-Relação e Heteronomia-Separação.
- Grupo 2: valores de um só tipo (Relação, Autonomia, Separação ou Heteronomia).
- Grupo 3: combinações que não seriam esperadas no modelo Autônomo-Relacionado (Relação-Separação, Autonomia-Heteronomia).
- Grupo 4: tudo ou nada é importante, ou seja, um valor de cada tipo.

Os resultados confirmam a prevalência de autonomia-relação e que a maior parte dos dados se explicam através do modelo Autônomo-Relacionado. Contudo, foram encontrados resultados que enfatizam ao mesmo tempo, autonomia e heteronomia ou relação e separação. Os dados podem ser vistos no gráfico abaixo (Figura 7).

Figura 7.

Frequência dos valores que os pais consideram mais importantes para seus filhos



Uma vez que nível de escolaridade dos pais se mostrou como uma variável significativa tanto para PVQ-RR quanto para RASH procedeu-se a análise de regressão. Em relação à PVQ-RR, o resultado da regressão indica que nível de escolaridade representa 23% da variância ($R^2 = 0,23$), com estatísticas significativas para Auto Transcendência ($\beta = 0,83$; $p < 0,05$). Quando se considera RASH, nível de escolaridade contribui com explicação de 37% da variância ($R^2 = 0,37$) sendo significativos os resultados para Relação ($\beta = 0,44$; $p < 0,001$) e Heteronomia ($\beta = -0,57$; $p < 0,001$).

Valores pessoais dos pais e valores que desejam para seus filhos

Realizou-se a correlação entre PVQ-RR e RASH e os resultados sugerem correlação significativa negativa entre os valores pessoais de auto transcendência e os

valores desejados de autonomia, assim como correlação significativa positiva entre os valores pessoais de conservação e valores de autonomia, conforme mostrado na Tabela 5.

Tabela 5.

Correlação entre PVQ-RR e RASH

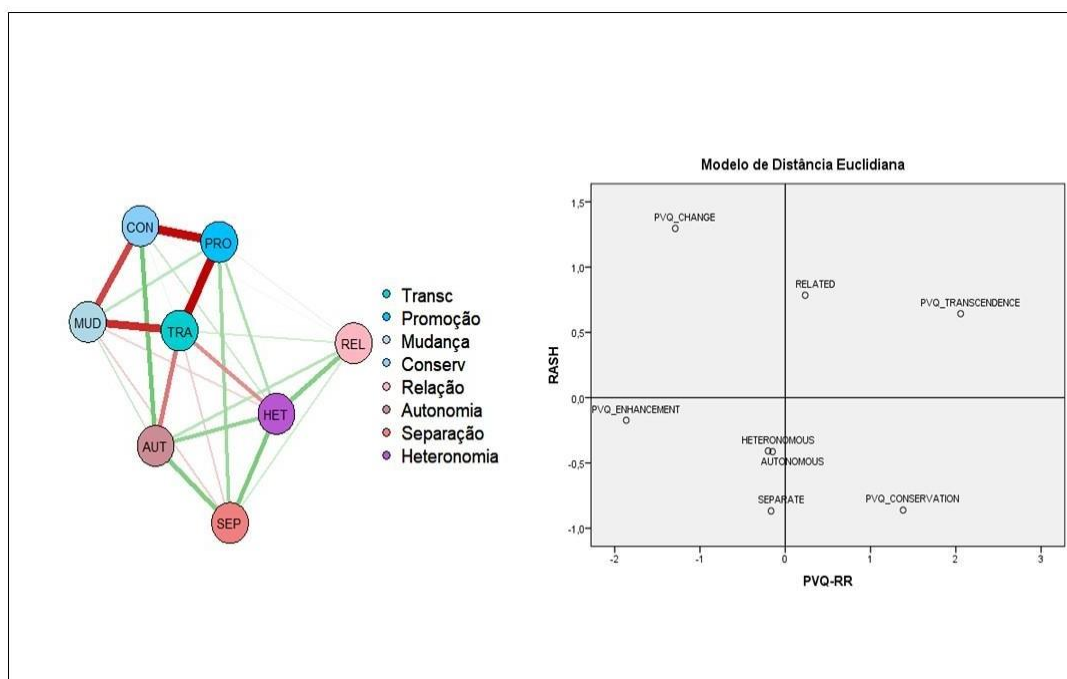
	Relação	Autonomia	Separação	Heteronomia
Auto transcendência	0,10	-0,31*	-0,12	-0,26
Autopromoção	-0,06	-0,02	0,22	0,18
Abertura à mudança	0,01	0,12	-0,12	-0,10
Conservação	-0,03	0,32*	-0,01	0,12

Nota: * correlação a nível de $p < 0,05$

Buscou-se, através do *software* R (v. 1.3), realizar estatísticas de correlação entre os valores de RASH e aqueles de PVQ-RR com a finalidade de compreender a relação entre as variáveis. Apresenta-se o resultado na Figura 8: mostra-se a distância entre cada fator, assim como a força (quanto mais espessa a linha mais forte a correlação) e o tipo de correlação (positiva com linhas verdes e negativa com linhas vermelhas). O resultado do Escalonamento Multidimensional, que analisa os dados com base na distâncias euclidianas é mostrado juntamente na Figura 8 (Hair et al., 2000).

Figura 8.

Correlação e agrupamento entre VPP e VDF



Em azul temos os fatores da PVQ-RR. Note-se que realmente trata-se de uma escala circular, uma vez que os fatores apresentam correlações negativas entre eles, sugerindo construtos diferentes. Os dados em rosa, correspondentes aos fatores da RASH, sugerem a existência de uma sobreposição entre os valores de autonomia e heteronomia. Separação também aparece próxima aos valores autônomos e heterônomos, enquanto os valores de relação se mostram como os menos relacionados aos demais.

Em relação às aproximações entre as duas escalas, o modelo de distância euclidiana indica a presença de auto transcendência e relação no mesmo quadrante, assim como entre autopromoção e autonomia. Abertura à mudança e separação mostram-se em quadrantes distintos o que ocorre também entre conservação e heteronomia.

Discussão

O presente estudo buscou investigar a relação entre os valores pessoais dos pais e os valores que eles desejam para seus filhos. Considerando-se que o desenvolvimento de valores pode estar relacionado com melhoria na satisfação com a vida, qualidade de vida, saúde mental e rendimento acadêmico, e que a socialização de valores parentais é uma parte importante dessa construção, é fundamental aprofundar os conhecimentos nessa área para podermos pensar em intervenções que fomentem valores positivos (Foad et al., 2020; Kiang et al., 2018; Ladeira et al., 2016).

Ao analisarmos os dados relativos aos valores pessoais dos pais, os resultados sugerem predomínio de Auto Transcendência e Conservação como esperado e relatado na literatura em estudos que envolveram a região sul do Brasil (Torres et al., 2015). Conforme mencionado por Teixeira e colaboradores (2014), aspectos como a preservação de tradições culturais e valorização da conformidade podem influenciar nos resultados obtidos através do PVQ-RR. Outros estudos também encontraram destaque para valores ligados à conservação, sugerindo que os resultados obtidos seguem o esperado em nossa população (Martins et al., 2015; Torres et al., 2015). O aumento do nível de escolaridade indicou correlação positiva com valores de Auto Transcendência que engloba valores de universalismo e benevolência. Não foram encontrados estudos que relacionassem os níveis de escolaridade com os valores humanos básicos, mas acredita-se que tal informação possa contribuir com achados futuros.

Os resultados indicam que os pais desta amostra desejam para seus filhos valores relacionados à autonomia e relação, sendo congruentes com aqueles de estudos anteriores realizados no país (Seidl-de Moura et al., 2013; Vieira et al., 2013, Tudge et al., 2018). Quando analisados em relação ao nível de escolaridade, os resultados corroboram a literatura ao identificar maior presença de valores heterônomos em pais com escolaridade até o ensino médio (Seidl-de Moura et al., 2017b; Tudge et al., 2018).

Importante destacar que o desenvolvimento da escala RASH permite uma visão mais ampla sobre os valores que os pais desejam para seus filhos. Segundo o modelo de *self* autônomo-relacionado, a predominância de valores de autonomia implica em menor valorização de valores heterônomos assim como a presença de valores de relação sugere menor ênfase em valores de separação (Kağıtçıbaşı, 2005). Analisando os valores como quatro fatores independentes, os dados da RASH apontam a presença concomitante de valores autônomos e heterônomos e de valores de relação e separação, permitindo um novo olhar sobre o peso dos valores na socialização parental (Merçon-Vargas, 2017).

Quando analisados os três valores mais importantes para os pais que os filhos desenvolvam, apesar dos resultados confirmarem a literatura da maior prevalência de autonomia e relação, novamente os resultados destacam a presença de valores de autonomia e heteronomia e de relação e separação ao mesmo tempo. Estudos anteriores já haviam observado tais resultados, indicando que uma possível falha no modelo de Kağıtçıbaşı (2007) ao não permitir o acesso a esse tipo de resposta (Liang et al., 2019; Merçon-Vargas, 2017).

Embora a literatura indique que há relação entre os valores que os pais têm para si e os que desejam para seus filhos, sabemos que existem mudanças nos valores construídos entre diferentes gerações, sendo esperado também que os pais fomentem em seus filhos valores diferentes dos seus (Barni et al., 2017; Knafo-Noam et al., 2020; Tam & Lee, 2010). Os resultados obtidos sugerem que os valores que os pais têm para si mostraram-se, em parte, distintos dos valores que desejam para seus filhos. Pais desejam que seus filhos tenham sucesso em suas vidas e buscam socializar valores que reflitam tanto a aspiração à um futuro melhor quanto uma melhor adaptação aos câmbios sociais, políticos e econômicos (Doepke, & Ziliboti, 2019; Hoellger, 2020).

A correlação encontrada entre valores de conservação dos pais e desejo de valores de autonomia para os filhos é um exemplo de mudanças de valores que visem melhor adaptação dos filhos ao mundo que os cerca (Tam & Tulviste, 2020). Ao mesmo

tempo, valores de auto transcendência apresentaram correlação significativa negativa com autonomia. Auto transcendência engloba valores como cuidado com os outros, sustentabilidade, lealdade, justiça, igualdade, valores que envolvem leis e regras sociais e que demandam de obediência. Sendo assim, pode-se compreender o menor desejo de valores autônomos de pais que perseguem ideais de auto transcendência. Estudos futuros podem aclarar essa relação e trazer nova compreensão sobre o assunto.

Esperava-se obter uma correlação entre as dimensões da PVQ-RR e os fatores da RASH, mas a maioria dos resultados não foram significativos nesse sentido. Contudo, o resultado do escalonamento aponta para a proximidade entre auto transcendência e relação, podendo ser uma pista inicial para novos achados que podem auxiliar a seguir a investigação de como funciona essa relação.

Os valores sofrem modificações, mas esse é um processo lento. É necessário refletir sobre os valores que temos e buscar formas de fomentar outros valores nos filhos. Uma solução seria promover intervenções acerca de valores com os pais, a fim de que possam adquirir ferramentas mais eficazes para a socialização.

Considerações finais

O presente estudo buscou conhecer os valores que os pais têm para si e os valores que desejam que seus filhos desenvolvam. Apesar de contar com uma amostra pequena, os resultados obtidos trazem informações que podem ampliar nosso conhecimento acerca da socialização de valores.

Importante destacar que esse estudo é parte de um estudo maior que investigou dados de pais de sete países distintos, em termos de cultura e valores. O próximo passo agora é dar continuidade ao trabalho aqui iniciado e analisar os dados de outros grupos culturais.

Referências

- Albanese, G., De Blasio, G., & Sestito, P. (2016). My Parents Taught Me. Evidence on the family transmission of values. *Journal of Population Economics*, 29(2), 571–592. <https://doi.org/10.1007/s00148-015-0574-8>
- Alfinito, S., Assumpção, M., Torres, C., & Aragão, B. (2019). Is geographic segmentation suitable for marketing studies? An investigation applied to Brazil (A segmentação geográfica é adequada para estudos de marketing? Uma investigação aplicada ao Brasil). *Revista Brasileira de Marketing*, 18(2), 243-267. DOI: 10.5585/remark.v18i2.3882.
- Almeida, F. J. R., & Sobral, F. J. B. A. (2009). O sistema de valores humanos de administradores Brasileiros: adaptação da escala PVQ para o estudo de valores no Brasil. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 10(3), 101-126. DOI: 10.1590/S1678-69712009000300007
- Averett, S. L., Argys, L. M., & Hoffman, S. D. (2017). Introduction: Women, the Economy and Economics. In S. L. Averett, L. M. Argys, & S. D. Hoffman Editor (Eds.). *The Oxford Handbook of Women and the Economy*. Retrieved from <http://oxfordhandbooks.com>.
- Barni, D., Ranieri, S., Donato, S., Tagliabue, S., & Scabini, E. (2017). Personal and Family /sources of Parent's Socialization Values: A Multilevel Study. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(1), 9-22. <http://dx.doi.org/10,12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3468>
- Bavel, J. J. V., Baicker, K., Boggio, P.S. *et al.* (2020). Using social and behavioral science to support COVID-19 pandemic response. *Nature Human Behavior*, 4, 460–471. <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>
- Bintube, M. (2020). Covid-19: Applied Sociology Of The Pandemic And The

- Dynamics Beyond 'The New Normal' In The Context Of The Social Pen Theory Of Structural Change. *International Journal of Scientific and Research Publications*, 10 (7), 451-503. DOI: [10.29322/IJSRP.10.07.2020.p10353](https://doi.org/10.29322/IJSRP.10.07.2020.p10353)
- Della-Giusta, M., Hashimzade, N., & Myles, G. D. (2017). Schooling and the Intergenerational Transmission of Values. *Journal of Public Economy Theory*, 19 (1), 1-17. <https://doi.org/10.1111/jpet.12184>
- Dessen, M. A., & Torres, C. V. (2019). Family and Socialization Factors in Brazil: An Overview. *Online Readings in Psychology and Culture*, 6(3), 1-19. <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1060>
- Doepke, M., & Zilibotti, F. (2019). *Love, Money, and Parenting: How Economics Explains the Way We Raise Our Kids*. Princeton; Oxford: Princeton University Press. doi:10.2307/j.ctvc77fr1
- Fijneman, Y. A., Willemsen, M. E., & Poortinga, Y. H. (1996). Individualism-collectivism: An empirical study of a conceptual issue. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 27(4), 381-402.
<https://doi.org/10.1177/0022022196274001>
- Fischer, R., Vaclair, M., Fontaine, A. M., & Schwartz, S. H. (2010). Are Individual-Level and Country-Level Value Structures Different? Testing Hofstede's Legacy With the Schwartz Value Survey. *Journal of Cross-Cultural Psychology* 41(2):135-151. DOI:[10.1177/0022022109354377](https://doi.org/10.1177/0022022109354377)
- Foad. C. M. G., Maio, G. G. R., & Hanel, P. H. P. (2020). Perceptions over values over time and why they matter. *Journal of Personality*. Online issue.
<https://doi.org/10.1111/jopy.12608>
- Germani, A., Buratta, L., Delvecchio, E., & Mazzeschi, C. (2020). Emerging Adults and COVID-19: The Role of Individualism-Collectivism on Perceived Risks and

- Psychological Maladjustment. *International journal of environmental research and public health*, 17(10), 3497. <https://doi.org/10.3390/ijerph17103497>
- Hair, J. J. F., Black, W. C., & Sant'Anna, A. S. (2000). *Análise multivariada de dados (6a. ed.)*.
- Heat, R., & Jayachandran, S. (2017). The Causes and Consequences of Increased Female Education and Labor Force Participation in Developing Countries. In S. L. Averett, L. M. Argys, & S. D. Hoffman Editor (Eds.). *The Oxford Handbook of Women and the Economy*. Retrieved from <http://oxfordhandbooks.com>.
- Hofstede, G. (1980). Culture and Organizations. *International Studies of Management & Organization*. <https://doi.org/10.1080/00208825.1980.11656300>
- Hoellger, C., Sommer, S., Albert, I., & Buhl, H. M. (2020). Intergenerational Value Similarity in Adulthood. *Journal of Family Issues*, 1-24. <https://doi.org/10.1177/0192513X20943914>
- Iijima Y., Okumura Y., Yamasaki S., Ando S., Okada K., Koike S., Endo K., Morimoto Y., Williams A., Murai T., Tanaka S. C., Hiraiwa-Hasegawa M., Kasai K., Nishida A. (2020). Assessing the hierarchy of personal values among adolescents: A comparison of rating scale and paired comparison methods. *Journal of Adolescence*, 80, 53-59. doi: 10.1016/j.adolescence.2020.02.003.
- Kağıtçıbaşı, C. (2005). Autonomy and relatedness in cultural context implications for self and family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(4), 403–422. <https://doi.org/10.1177/0022022105275959>
- Kağıtçıbaşı, C. (2007). *Family, Self, and Human Development Across Cultures: Theory and Applications*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Kiang, L., Merçon-Vargas, E. A., Mendonça, S. E., Payir, A. & O'Brien, L. (2018). The Development of Gratitude and its Relation to Spending Preferences and

- Materialism. In J. R. H. Tudge, & L. B. L. Freitas, (Eds.), *Developing Gratitude in Children and Adolescents*. Cambridge University Press.
- Knafo-Noam, A., Barni, D., & Schwartz, S. (2020). *Parent-Child Value Similarity: Broadening from Intergenerational Transmission to Reciprocal Influences, Genetics, and Environmental Antecedents*. The Oxford Handbook of Moral Development: An Interdisciplinary Perspective.
10.1093/oxfordhb/9780190676049.013.12.
- Kohn, M., Jeger, A.M., & Koretzky, M. B. (1979). Social-ecological assessment of environments: Toward a two-factor model. *American Journal of Community Psychology*, 7(5), 481-495.
- Ladeira, W. J., Santini, F.O., & Araujo, C. F. (2016). Comportamento Materialista em Adolescentes e Crianças: Uma Meta-análise dos Antecedentes e dos Consequentes. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(5), 610-629. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2016150151>
- Lewis-Smith I., Pass L., Reynolds S. (2020). How adolescents understand their values: A qualitative study. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 1-12.
doi:10.1177/1359104520964506
- Liang, Y., Tudge, J. R. H., Mokrova, I. L., Freitas, L. B. L., Merçon-Vargas, E. A., Mendonça, S. E., O'Brien, L., Kiang, L., Payir, A., Cao, H., & Zhou, N. (2019). Measuring parents' developmental goals for their children: Updating Kağıtçıbaşı's approach to autonomy-relatedness in the United States and China. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00421-8>
- Lins, Z. M. B., Salomão, N. R., Lins, S. L. B., Féres-Carneiro, T., & Eberhardt, A. C. (2015). O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. *Revista da SPAGESP*, 16(1), 43-59. Recuperado em 17 de janeiro de

2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100005&lng=pt&tlng=pt.

Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the Self: Implications for Cognition, Emotion and Motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253

Martins, G. D. F., Gonçalves, T. R., Marin, A. H., Piccinini, C. A., Sperb, T. M., & Tudge, J. (2015). Social Class, Workplace Experience, and Child-Rearing Values of Mothers and Fathers in Southern Brazil. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 46(8), 996–1009. <https://doi.org/10.1177/0022022115597067>

Merçon-Vargas, E. A. (2017). Children's Expressions of Gratitude and their Association with Cultural Values among Brazilians, Brazilians in the U. S., and U.S. Ethnic Groups. Tese de doutorado aprovada em *The University of North Carolina at Greensboro, North Carolina, USA*

Murphy, E. F., Gordon, J. D. & Mullen, A. (2004). A Preliminary Study Exploring the Value Changes Taking Place in the United States since the September 11, 2001 Terrorist Attack on the World Trade Center in New York. *Journal of Business Ethics*, 50, 81–96. <https://doi.org/10.1023/B:BUSI.0000020879.93654.86>

Nomaguchi, K., & Milkie, M. A. (2019). What Should Children Learn? Americans' Changing Socialization Values, 1986–2018. *Socius: Sociological Research for a Dynamic World*, 5, 237802311987901. <https://doi.org/10.1177/2378023119879016>

Palhares, F., & Freitas, L. B. L. (2017). Materialismo de adolescentes de uma cidade do sul do Brasil. *Psico (Porto Alegre)*, 48(1), 61-69.

Palhares, F., Freitas, L. B. L., Silva, D. G., & Giacomoni, C. H. (2018). Adolescentes Materialistas Brasileiros Estão Satisfeitos com suas Vidas? *Psico-USF, Bragança Paulista*, 23(4), 731-740. Disponível em www.scielo.br

<http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230412>

- Palhares, F., Freitas, L. B. L., Merçon-Vargas, E. A., & Tudge, J. H. R. (2018). The Development of Gratitude in Brazilian Children and Adolescents. *Cross-Cultural Research*, 52 (1), 31-43.
- Pescaru, M. (2019). The Importance of the Socialization Process for the Integration of the Child in the Society. Online. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/330076266>
- Piaget, J. (1954/2005). *Inteligencia y afectividad*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. Free Press.
- Schwartz, S. (1992). Universals in the Content and Structure of Values: Theoretical Advances and Empirical Tests in 20 Countries. In. Berkowitz, L., & Zanna, M. P. (Eds.), *Advances in Experimental Social Psychology*. DOI:10.1016/S0065-2601(08)60281-6.
- Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., & Harris, M. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 519-542.
<https://doi.org/10.1177/0022022101032005001>
- Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 3-20. <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1116>
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(5), 878–891.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.5.878>
- Schwartz, S., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., Owens, V. (2001).

- Extending the Cross-Cultural Validity of the Theory of Basic Human Values with a Different Method of Measurement. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 32(5), 519-542. DOI: 10.1177/0022022101032005001.
- Schwartz, S. H., & Sortheix, F. (2018). Values and Subjective Well-Being. In E. Diener, S. Oishi, & L. Tay (Eds.), *Handbook of Well-Being* (pp. 1-25). Salt Lake City, UT: Noba Scholar. Retrieved from <http://www.nobascholar.com/chapters/51>
- Seidl-de-Moura, L., Fioravanti-Bastos, M. C., Carvalho, & Ziviani, C. (2013). Adaptação brasileira das Escalas de Self Autônomo, Relacionado e Autônomo-Relacionado de Ç. Kağıtçıbaşı gitçibasi. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 12(2), 193–201.
- Seidl-de-moura, M. L., Ramos, D. O., Pessôa, L. F., Carvalho, R. V. C., Victor, T. A. S., & Medes, D. M. L. F., Autonomia-Relacionada Como Tendência do Desenvolvimento do Self: Novas Evidências em um Contexto Brasileiro (2017). *Psicologia Escolar e Desenvolvimento*, 33, 1-9.
<https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3333>
- Siqueira, F., Calza, T., Castella, S. J., & Freitas, L. (2017). O valor dos valores: a perspectiva de pais em relação a seus filhos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(1), 55-75. DOI:10.5433/2236-6407.2017v8n1p55.
- Strauss, C. (1992). *Models and motives*. In D'Andrade, R. G., Strauss, C. (Eds.), *Human motives and cultural models* (pp. 1-20). New York, NY: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139166515.002>
- Tabernerero C., Castillo-Mayén R., Luque B., Cuadrado E. (2020) Social values, self- and collective efficacy explaining behaviours in coping with Covid-19: Self-interested consumption and physical distancing in the first 10 days of

- confinement in Spain. *PLoS ONE* 15(9): e0238682.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238682>
- Tam K-P, & Lee S-L. (2010). What Values Do Parents Want to Socialize in Their Children? The Role of Perceived Normative Values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*. 41(2), 175-181. DOI:10.1177/0022022109354379
- Tamm, A. & Tulviste, T. (2020). What Extent Do Perceived Parental Socialization Values Match Estonian Adolescents' Personal Values? *Child Indicators Research*, 13(4), 1811–1825. <https://doi.org/10.1007/s12187-020-09724-w>
- Takano, Y., & Osaka, E. (1999). An unsupported common view: comparing Japan and the U.S. on individualism/collectivism. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, 311-341. <https://doi.org/10.1111/1467-839X.00043>
- Teixeira, M. L. M., Sambiase, M. F., Janik, M., & Bilsky, W. (2014). Peculiaridades da estrutura de valores básicos dos brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 14 (2), 139-152.
- Torres, C. V., Porto, J. B., Vargas, L. M. , & Fischer, R. (2015). A Meta-analysis of Basic Human Values in Brazil: Observed differences within the country. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 15 (1), 89-102. DOI: 10.17652/rpot/2015.1.356
- Torres, C. V., Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016). A Teoria de Valores Refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. *Psicologia USP*, 27(2), 341-356. <https://doi.org/10.1590/0103-656420150045>
- Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., Seidl-de-Moura, M. L., Mokrova, I. L., Kiang, L., & Payir, A. (2014). The Related Autonomous Separate Heteronomous (RASH) Scale. Unpublished instrument. Porto Alegre, Brazil.

- Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., O'Brien, L. T., & Mokrova, I. L. (2018). Methods for studying the virtue of gratitude, cross-culturally. In *Cross-Cultural Research, Special Issue on Crosscultural variations in the development of the virtue of gratitude* (Eds. E. A. Merçon-Vargas, K. Poelker, & J. R. H. Tudge), 52, 19–30. <https://doi.org/10.1177/1069397117737017>
- Vandello, J. A., & Cohen, D. (1999). Patterns of individualism and collectivism across the United States. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(2), 279–292. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.2.279>
- Vieira, O. I., Luis, M., Dal, ;, Martins, F., Da, G. ;, & Lordelo, R. (2013). Sociedad Interamericana de Psicología. *Interamerican Journal of Psychology*, 47(1), 111–120. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28426980013>
- Vinogradac, V. B. P. (2020). Trust in health system during COVID-19 and student value system in Southeast Europe. *Sociological Rewiew*, 3, 583-608. DOI: [10.5937/socpreg54-27597](https://doi.org/10.5937/socpreg54-27597)
- Watanabe, E., Torres, C., & Alfinito, S. (2019). The impact of culture, evaluation of store image and satisfaction on purchase intention at supermarkets. *Revista de Gestão*, 26(3), 256-273. DOI: 10.1108/REG-12-2017-0009.
- Wolf L. J., Haddock G., Manstead A. S. R., Maio G. R. (2020) The importance of (shared) human values for containing the COVID-19 pandemic. *British Journal of Social Psychology*, 59(3), 618-627. doi: 10.1111/bjso.12401.
- Yeh, C. J., & Hunter, C. D. (2004). The socialization of self: Understanding shifting and multiple selves across cultures. In R. T. Carter (Ed.), *Handbook of racial-cultural psychology*, 1, 78-93). John Wiley: New York. ISBN: 978-0-471-38629-2

Discussão Geral da Tese

Os valores que os pais têm como importantes para suas vidas estão relacionados com os valores que eles acreditam serem importantes para o desenvolvimento de seus filhos? Essa foi a pergunta que norteou este estudo. Ao longo do ano de 2020 os valores como solidariedade, empatia, cooperação e responsabilidade foram fundamentais para o enfrentamento da pandemia que atravessamos. O resultado apareceu em números. A ênfase em valores individualistas nos EUA contribuiu para o país apresentar os maiores índices de óbitos do mundo em relação à Covid-19 (Beckett, 2020; WHO, 2020). Em vários países do mundo temos visto uma crise de valores, com aumento da violência, através de comportamentos extremos vinculados a sentimentos de ódio. É, portanto, crucial atuar com a finalidade de desenvolver valores mais assertivos (Bintube, 2020).

A literatura indica que fomentar valores positivos como, por exemplo, a gratidão, tem um impacto favorável na vida dos indivíduos (Chaplin et al., 2019; Freitas et al., 2019). Uma das formas que esse desenvolvimento se dá é através da socialização de valores parentais. Os valores que os pais têm para si e os valores que desejam que seus filhos desenvolvam, podem auxiliar as gerações futuras, principalmente se foram pautados em valores que visem o bem-estar de toda a sociedade.

Dentro da psicologia, os estudos sobre a socialização de valores vêm crescendo e passando por refinamentos com a finalidade de reconhecer padrões culturais e motivar os indivíduos a desenvolverem valores ligados a melhor qualidade de vida (Gomes et al., 2018, Inglehart, 2010; Swadźba, 2020). Nesse sentido, os estudos de Rokeach (1973) e Hofstede (1980) foram fundamentais para a compreensão do tema e disparadores de novas e refinadas teorias (Kağıtçıbaşı, 2005; Schwartz et al., 2012).

Para responder às questões colocadas nesta tese, foi necessário o estudo e aprofundamento nas teorias de Schwartz e Kağıtçıbaşı. Cada autor contribuiu para o entendimento através de seu modelo e com escalas próprias, a PVQ-RR de Schwartz (2021) que foi utilizada na forma original e a RASH, que foi criada com base nos estudos de Kağıtçıbaşı (2005).

Minha pesquisa teve por base os dados obtidos através das escalas PVQ-RR e RASH. A escala PVQ-RR vem sendo utilizada em inúmeros países ao redor do mundo e tem apresentado resultados fidedignos com diferentes populações, inclusive no Brasil

(Schwartz et al., 2012; Torres et al., 2015). A escala RASH foi desenvolvida a partir do modelo *Self* Autônomo-Relacionado (Kağıtçıbaşı, 2005). O que nos leva ao Estudo I.

O Estudo I buscou verificar as propriedades estatísticas da escala RASH com a população brasileira e norte-americana, através de análise fatorial confirmatória e análise de invariância (Damásio, 2013). O resultado final confirmou a estrutura de quatro fatores da escala (Relação, Autonomia, Separação e Heteronomia) através de 16 itens, com resultados estatísticos significativos. Dada a controvérsia entre o número de fatores da RASH obtidos nos estudos anteriores, o resultado aqui apresentado contribui para reforçar a presença de quatro fatores distintos, possibilitando avançar no entendimento acerca da socialização de valores (Liang et al., 2019; Merçon-Vargas, 2017). A escala RASH com quatro fatores amplia a concepção do modelo de *Self* Autônomo-Relacionado permitindo abarcar as complexidades que envolvem os valores socializados.

O desenvolvimento da escala RASH indicou valores que não eram percebidos no modelo de Kağıtçıbaşı (2007). Uma vez que o modelo de *Self* Autônomo-Relacionado é caracterizado como duas dimensões ortogonais, ele permite a distinção entre quatro tipos de *self*, resultantes da combinação de agência e distância interpessoal. A valorização ao mesmo tempo de autonomia e heteronomia ou de relação e separação, não é compreendida pelo modelo. Os resultados obtidos com a RASH, por tratar cada valor como um fator distinto, permite acesso a mais variadas combinações e amplia o entendimento sobre os valores.

A importância da RASH se dá principalmente no contexto brasileiro, uma vez que a adaptação realizada da escala de *Self* Autônomo-Relacionado obteve índices moderados de adequação (Seidl-de-Moura et al., 2013b). Os fatores em separado podem também contribuir para a análise da diversidade encontrada entre as regiões do país (Seidl-de-Moura, 2018; Tudge, 2018).

Os resultados obtidos neste estudo corroboram a literatura, com maior ênfase nos valores de relação e autonomia. O nível de escolaridade aparece correlacionado negativamente com os valores de heteronomia e separação, sendo que maiores níveis de escolaridade remetem a menores escores em heteronomia e separação (Martins et al., 2015; Seidl-de Moura et al., 2017). Tanto Brasil quanto EUA apresentaram ênfase em relação e autonomia, o que confirma achados anteriores (Nomsguchi & Milkie, 2019; Liang et al., 2019). Os dados obtidos sugerem que a escala RASH é uma boa medida

para acessar os valores em diferentes culturas, além de ampliar o conhecimento sobre os mesmos.

Uma vez que a RASH se mostrou uma medida válida, realizou-se o segundo estudo, o qual investiga se há relação entre os valores dos pais e os valores que desejam que seus filhos desenvolvam. Tanto os valores pessoais quanto a socialização de valores vem sendo estudada no Brasil (Teixeira et al, 2014; Torres et al., 2015; Seidl-de-Moura et al., 2017; Tudge et al., 2018). Trazer luz a essa questão é uma das maiores contribuições desse trabalho ao servir de base para estudos futuros.

O Estudo II, através das análises das escalas PVQ-RR e RASH, ampliou o conhecimento sobre valores no país. Além disso, confirmou a presença concomitante de valores como autonomia e heteronomia ou de separação e relação, entre os valores desejados por pais, assim como a influência do nível de escolaridade sobre a socialização de valores.

Atualmente as mudanças ocorrem no mundo com uma grande velocidade. A globalização aproximou países e culturas, ampliou o acesso a bens de consumo a nível mundial, trouxe mais informação com a evolução da tecnologia (Heath & Jayachandran, 2017; Swadźba, 2020). Os valores que temos para nós podem facilitar ou dificultar nossa adaptação ao mundo, sendo necessária a atualização de valores de forma a poder desempenhar nossas funções de forma mais efetiva. Sendo assim, os pais tendem a desejar valores muitas vezes distintos dos seus de forma a preparar seus filhos para enfrentar novos desafios (Cham & Tam, 2016; Namaguchi & Milkie, 2019).

Neste estudo, os pais tenderam a priorizar valores de autonomia e relação para seus filhos. Esse resultado está de acordo com os achados anteriores (e.g., Seidl-de-Moura et al., 2017; Tudge et al., 2018). Muitas culturas valorizam os laços sociais, as relações interpessoais e também a busca por objetivos e crescimento pessoal, o que faz dos valores de autonomia e relação importantes na melhor adaptação dos indivíduos (Benish-Weisman et al., 2014).

No Brasil poucos estudos se debruçam sobre a questão de valores, tanto de forma investigativa quanto na forma de intervenções. Esse cenário pode ser facilitado com os conhecimentos que obtemos. Como podemos auxiliar o processo de socialização parental? Como fomentar valores distintos para nossos filhos? Precisamos falar sobre valores e levar essa discussão para dentro das famílias, escolas e espaços públicos.

Assim poderemos implementar programas que promovam uma socialização de valores com base em reflexões e evidências científicas.

No momento em que vivenciamos a presença de uma pandemia, estudos são unânimes em destacar a importância de valores “positivos”, ou seja, valores que fomentem relacionamentos interpessoais saudáveis e que estejam a serviço de melhorar a vida em todas as partes do mundo. A pandemia do COVID-19 também veio para destacar a importância dos valores para nossa sobrevivência além de enfatizar a relevância do campo do desenvolvimento de valores e sua socialização. Aprofundar nossos conhecimentos acerca de valores pessoais e socialização de valores nos permite conhecer e analisar o funcionamento do processo de socialização permitindo a construção de intervenções que venham potencializar valores “positivos”.

Referências

- About-Halabi, Y., & Shamai, M. (2016). The role of parents in defining collective identity of Arab adolescents in Israel. *Family Relations*, *65*(2), 300–313. doi:10.1111/fare.12190
- Akyil, Y., Prouty, A., Blanchard, A., & Lyness, K. (2014). Parents' Experiences of Intergenerational Value Transmission in Turkey's Changing Society: An Interpretative Phenomenological Study. *Journal of Family Psychotherapy*, *21*(5), 42-65. 10.1080/08975353.2014.881690.
- Akyil, Y., Prouty, A., Blanchard, A., Lyness, K. (2016). Experiences of families transmitting values in a rapidly changing society: Implications for a family therapist. *Family Process*, *55*(2), 368-381. doi: 10.1111/famp.12163
- Albanese, G. & Sestito, G. (2016). My parents taught me. Evidence of on the family transmission of values. *Journal of Population Economics*, *29* (2), 571-592. DOI: 10.1007/s00148-015-0574-8
- Albert, I., & Trommsdorff, G. (2014). The Role of Culture in Social Development Over the Life Span: An Interpersonal Relations Approach. *Online Readings in Psychology and Culture*, *6*(2), 1–30. <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1057>
- Averett, S. L., Argys, L. M., & Hoffman, S. D. (2017). Introduction: Women, the Economy and Economics. In S. L. Averett, L. M. Argys, & S. D. Hoffman Editor (Eds.). *The Oxford Handbook of Women and the Economy*. Retrieved from <http://oxfordhandbooks.com>.
- Bandeira, T. T. A., Seidl-de-Moura, M. L., & Vieira (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, *19*(3), 445-456. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19932>
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the

family: do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40(1), 105-121.

DOI: 10.1080/03057240.2011.553797

Barni, D., Ranieri, S., Donato, S., Tagliabue, S., & Scabini, E. (2017). Personal and Family Sources of Parents' Socialization Values: A Multilevel Study. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(1), 9-22.

<https://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3468>

Benish-Weisman, M., Levy, S., & Knafo-Noam, A. (2014). Parents Differentiate Between Their Personal Values and Their Socialization Values: The Role of Adolescents' Values. *Journal of Research on Adolescence*, 23 (4), 614-620.

DOI: 10.1111/jora.12058.

Bi, X., Yang, Y., Li, H., Wang, M., Zhang, W., & Deater-Deckard, K. (2018) Parenting Styles and Parent–Adolescent Relationships: The Mediating Roles of Behavioral Autonomy and Parental Authority. *Frontiers in Psychology*, 9, 1-13. DOI:

10.3389/fpsyg.2018.02187

Castro, F. M. P., Rava, P. G. S., Hoefelmann, T. B., Pieta, M. A. M., & Freitas, L. B. L. (2011). Deve-se Retribuir? Gratidão e Dívida Simbólica na Infância. *Estudos de Psicologia*, 16(1), 75-82.

Chan H-W., & Tam K-P. (2016). Understanding the Lack of Parent–Child Value Similarity: The Role of Perceived Norms in Value Socialization in Immigrant Families. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 47(5), 651-669.

DOI:10.1177/0022022116635744

Chaplin, L. N., John, D. R., Rindfleisch, A., & Froh, J. J. (2019) The impact of gratitude on adolescent materialism and generosity. *The Journal of Positive Psychology*, 14(4), 502-511. DOI: [10.1080/17439760.2018.1497688](https://doi.org/10.1080/17439760.2018.1497688)

- Chen, Bin-Bin. (2020). Socialization values of Chinese parents: Does parents' educational level matter? *Current Psychology*, 39(2), 511-517. 10.1007/s12144-017-9772-8.
- De Barcellos, M. D., Teixeira, C. M., & Venturini, J. C. (2014). Personal values associated with political consumption: an exploratory study with university students in Brazil. *International Journal of Consumer Studies*, 38, 207–216.
- Della Giusta, M., Hashimzade, N. , & Myles, G. D. (2017) Schooling and the intergenerational transmission of values. *Journal of Public Economic Theory*, 19 (1). 1-17. DOI: 10.1111/jpet.12184
- Döring, A. K., Kärtner, J., Bilsky, W. (2016). Values in families with young children: Insights from two cultural milieus in Germany. *International Journal of Psychology*, 53(6), 486-495. DOI: 10.1002/ijop.12402
- Fijneman, Y. A., Willemsen, M. E., & Poortinga, Y. H. (1996) Individualism-Collectivism: An Empirical Study of a Conceptual Issue. *Journal of Cross-Cultural Psychology*. 27(4), 381-402. DOI:10.1177/0022022196274001
- Foad, C. M. G., Maio, G. G. R., & Hanel, P. H. P. (2020). Perceptions of values over time and why they matter. *Journal of Personality, Early View*, 1-17. DOI: 10.1111/jopy.12608.
- Freitas, L. B. L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez.
- Freitas, L. B. L., Tudge, J. R. H., Palhares, F., & Prestes, A. C. (2016). Relações entre Desenvolvimento da Gratidão e Tipos de Valores em Jovens. *Psico-USF*, 21(1), 13-24.
- Freitas, L.B.L., Merçon-Vargas, E.A., Palhares, F., & Tudge, J. R. H. (2019). Assessing variations in the expression of gratitude in youth: A three-cohort replication in

southern Brazil. *Current Psychology (Online)*. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00334-6>

Gecas, V. (2001). *The self as a social force*. In T. J. Owens, S. Stryker, & N. Goodman (Eds.), *Extending self-esteem theory and research: Sociological and psychological currents* (p. 85–100). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511527739.005>

Giménez, A.C., & Tamajón, L. G. (2019). Analysis of the third-order structuring of Shalom Schwartz's theory of basic human values. *Heliyon*, 5(6), 1-7. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e01797>

Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Bolze, S. D. A., Bigras, M., Paquette, D., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). Pesquisas transculturais em psicologia do desenvolvimento: considerações teórico-metodológicas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(1), 260-275. Recuperado em 19 de julho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000100018&lng=pt&tlng=pt.

Daniel, E., & Benish-Weisman, M. (2018). Value Development during Adolescence: Dimensions of Change and Stability. *Journal of Personality*, 87(1), 1-13. DOI:10.1111/jopy.12420.

Darling N., Cumsille P., Martínez M.L. (2007). Adolescents' as active agents in the socialization process: legitimacy of parental authority and obligation to obey as predictors of obedience. *Journal of Adolescence*, 30(2), 297-311. DOI: 10.1016/j.adolescence.2006.03.003.

Hanel P.H.P., Litzellachner L.F., Maio G.R. (2018). An Empirical Comparison of Human Value Models. *Frontiers Psychology*, 25(9), 1643-1657. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.01643.

- Heath, R., & Jayachandran, S. (2017). The Causes and Consequences of Increased Female Education and Labor Force Participation in Developing Countries. In S. L. Averett, L. M. Argys, & S. D. Hoffman Editor (Eds.). *The Oxford Handbook of Women and the Economy*. Retrieved from <http://oxfordhandbooks.com>
- Hermans, H., & Kempen, H. J. G. (1998). Moving cultures - The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society. *American Psychologist*, 53(10), 1111-1120. DOI: 10.1037//0003-066X.53.10.1111.
- Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences: International differences in work-related values*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Inglehart, R. (2010). Globalization and postmodern values. *The Washington Quarterly*, 23(1), 215-228. <https://doi.org/10.1162/016366000560665>
- Kağitçibaşı, C. (1970). Social Norms and Authoritarianism: A Turkish-American Comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 444-451.
- Kağitçibaşı, C. (1990). Family and Specialization in Cross-Cultural Perspective: A model of Change. In: J. Berman (Ed.) *Cross-Cultural Perspectives: Nebraska Symposion on Motivation*. University of Nevada.
- Kağitçibaşı, C. (1997). Individualism and Colletivism. In: J. W. Berry, M. H. Segall (Eds.) *Handbook of Cross-Cultural Psychology: Social Behavior and Applications*.
- Kağitçibaşı, C. (2005). Autonomy and relatedness in cultural context implications for self and family. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(4), 403-422. <https://doi.org/10.1177/0022022105275959>.
- Kağitçibaşı, C. (2007). *Family, Self, and Human Development Across Cultures: Theory and Applications*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Kağitçibaşı, C. (2012). Sociocultural Change and Integrative Syntheses in Human

- Development: Autonomous-Related Self and Social-Cognitive Competence.
Child Development Perspectives, 6(1), 5-11.
- Kağıtçıbaşı, C., & Ataca, B. (2015). Value of Children, Family Change, and Implications for the Care of the Elderly. *Cross-Cultural Research*, 49(4), 374–392. <https://doi.org/10.1177/1069397115598139>
- Kasser, T. (2018). Materialism and Living Well. In E. Diener, S. Oishi, & Tay, L. (Eds.), *Handbook of well-being*. Slat Lake City, UT.
- Kiang, L., Merçon-Vargas, E. A., Mendonça, S. E., Payir, A. & O'Brien, L. (2018). The Development of Gratitude and its Relation to Spending Preferences and Materialism. In J. R. H. Tudge, & L. B. L. Freitas, (Eds.), *Developing Gratitude in Children and Adolescents*. Cambridge University Press.
- Knight, G.P., Carlo G., Mahrer, N.E., Davis, A.N. (2016). The Socialization of Culturally Related Values and Prosocial Tendencies Among Mexican-American Adolescents. *Child Development*, 87(6), 1758-1771. DOI: 10.1111/cdev.12634. PMID: 28262940; PMCID: PMC5341135.
- Knafo-Noam, A., Galansky, N. (2008). The Influence of Children on Their Parents' Values. *Social and Personality Psychology Compass*. 2(3), 1143 - 1161. 10.1111/j.1751-9004.2008.00097.x.
- Knafo-Noam, A., Barni, D., & Schwartz, S. (2020). *Parent-Child Value Similarity: Broadening from Intergenerational Transmission to Reciprocal Influences, Genetics, and Environmental Antecedents*. The Oxford Handbook of Moral Development: An Interdisciplinary Perspective. 10.1093/oxfordhb/9780190676049.013.12.
- Ladeira, W. J., Santini, F.O., & Araujo, C. F. (2016). Comportamento Materialista em Adolescentes e Crianças: Uma Meta-análise dos Antecedentes e dos

Consequentes. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(5), 610-629. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2016150151>

Lewis-Smith I., Pass L., Reynolds S. (2020). How adolescents understand their values: A qualitative study. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 26(1), 231-242. doi:10.1177/1359104520964506

Liang, Y., Tudge, J., Mokrova, I., Freitas, L., Merçon-Vargas, E., Mendonca, S., O'Brien, L., Kiang, L., Payir, A., Cao, H., & Zhou, N. (2019). Measuring parents' developmental goals for their children: Updating Kağıtçıbaşı's approach to autonomy-relatedness in the United States and China. *Current Psychology*. 10.1007/s12144-019-00421-8.

Lilleoja, L., Dobewall, H., Aavik, T., Strack, M., & Verkasalo, M. (2016). Measurement equivalence of Schwartz's refined value structure across countries and modes of data collection: New evidence from Estonia, Finland, and Ethiopia. *Personality and Individual Differences*, 102, 204-210. DOI:10.1016/j.paid.2016.07.009.

Lins, S. Poeschl, G., Lima, T. J. S., Souza, L. E. C., & Pereira, C. R. (2016). Adaptation and validation of the psychosocial values questionnaire to the context of Brazilian and Portuguese teenagers. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29(12), disponível em: <http://dx.doi.org/10.1186/s41155-016-0013-0>

Mainardes, E. W., Von Borell, D., Lasso, S., Andrade, D. M. (2017). Influences on the intention to buy organic food in an emerging market. *Marketing Intelligence & Planning*. 35. DOI: 10.1108/MIP-04-2017-0067.

Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98, 224-253.

Martins, G. D. F., & Vieira, M. L. (2010). Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese e contexto sociocultural. *Estudos de*

Psicologia (Natal), 15(1), 63-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2010000100009>

- Martins, G. D. F., Gonçalves, T. R., Marin, A. H., Piccinini, C. A., Sperb, T. M., & Tudge, J. H. (2015). Social class, workplace experience, and child-rearing values of mothers and fathers in southern Brazil. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 46(8), 996-1009. DOI: 10.1177/00220222//5597067
- Matsumoto, D. (1999). Culture and Health. *Journal of Health Psychology*, 4(1), 109-110. DOI:10.1177/135910539900400108
- Mayer, B. (2013). Family change theory: A preliminary evaluation on the basis of recent cross-cultural studies. In I. Albert, & D. Ferring (Eds.), *Intergenerational relations: European perspectives n family and society*. Policy Press Scholarship Online. DOI: 10.1332/policypress/9781447300984.003.0011.
- Mendonça, S. E., & Palhares, F. (2018). Gratitude and Moral Obligation. In J. R. H Tudge, & L. B. L. Freitas (Eds.), *Developing Gratitude in Children and Adolescents*. Cambridge University Press.
- Merçon-Vargas, E. A. (2017). Children's Expressions of Gratitude and their Association with Cultural Values among Brazilians, Brazilians in the U. S., and U.S. Ethnic Groups. Tese de doutorado aprovada em *The University of North Carolina at Greensboro, North Carolina, USA*
- Namaguchi K, & Milkie M. A. (2019). What Should Children Learn? Americans' Changing Socialization Values. *Socius: Sociological Research for a Dynamic World*, 5, 1-17. DOI:10.1177/2378023119879016
- Palhares, F., & Freitas, L. B. L. (2017). Materialismo de adolescentes de uma cidade do sul do Brasil. *Psico (Porto Alegre)*, 48(1), 61-69.
- Palhares, F., Freitas, L. B. L., Silva, D. G., & Giacomoni, C. H. (2018). Adolescentes

- Materialistas Brasileiros Estão Satisfeitos com suas Vidas? *Psico-USF, Bragança Paulista*, 23(4), 731-740. Disponível em www.scielo.br
<http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230412>
- Palhares, F., Freitas, L. B. L., Merçon-Vargas, E. A., & Tudge, J. H. R. (2018). The Development of Gratitude in Brazilian Children and Adolescents. *Cross-Cultural Research*, 52 (1), 31-43.
- Park, H., & Lau, A. (2016). Socioeconomic Status and Parenting Priorities: Child Independence and Obedience Around the World. *Journal of Marriage and Family*, 78(1), 43-59. DOI: 10.1111/jomf.12247.
- Pasquali, L., & Alves, A. R. (2004). Validação do Portraits Questionnaire - PQ de Schwartz para o Brasil. *Avaliação Psicológica*, 3(2), 73-82.
- Payir, A., Mendonça, S. E., Liang, Y., Mokra, I. L., Palhares, F., & Zeytinoglu, S. (2018). Cross-Cultural Variations in the Development of Gratitude. In J. R. H Tudge, & L. B. L. Freitas (Eds.), *Developing Gratitude in Children and Adolescents*. Cambridge University Press.
- Pescaru, M. (2019). The Importance of the Socialization Process for the Integration of the Child in the Society. Online. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/330076266>
- Piaget, J. (1954/2005). *Inteligencia y afectividad*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor.
- Piaget, J. (1965/1973). *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. Free Press.
- Rootalu, K., & Kasearu, K. (2016). Adolescents' Attitudes Toward Divorce: Does Parental Influence Matter in a Changing Society? *Journal of Divorce & Marriage*, 57(3),195-211. DOI: 10.1080/10502556.2016.1150147
- Schwartz, S. (1992). Universals in the Content and Structure of Values: Theoretical

Advances and Empirical Tests in 20 Countries. In. Berkowitz, L., & Zanna, M. P. (Eds.), *Advances in Experimental Social Psychology*. DOI:10.1016/S0065-2601(08)60281-6.

Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., & Harris, M. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 519-542. <https://doi.org/10.1177/0022022101032005001>

Schwartz, S. H. (2012). An Overview of the Schwartz Theory of Basic Values. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1), 3-20. <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1116>

Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1987). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(5), 878–891. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.5.878>

Schwartz, S., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., Owens, V. (2001). Extending the Cross-Cultural Validity of the Theory of Basic Human Values with a Different Method of Measurement. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 32(5), 519-542. DOI: 10.1177/0022022101032005001.

Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M., Piccinini, C., Siqueira, J., Magalhães, C., Pontes, F., Salomão, N. M., & Rimoli, Adriana. (2008). Brazilian mothers' socialization goals: Intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development*, 32(6), 465-472. DOI: 10.1177/0165025408093666

Seidl-de-Moura, M. L., Carvalho, R. V. C., & Vieira, M. L. (2013). Brazilian mothers' cultural models: Socialization for autonomy and relatedness. In M. L. Seidl-de-

- Moura (Org.) (Ed.), Parenting in South American and African contexts (p. 1–15). Rijeka, Croácia: InTech.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ramos, D. O., Pessôa, L. F., Carvalho, R. V. C., Victor, T. A. S., & Mendes, D. M. L. F. (2017). Autonomia-Relacionada como Tendência do Desenvolvimento do Self: Novas Evidências em um Contexto Brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33.
<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3333>
- Siqueira, F., Calza, T., Castella, S. J., & Freitas, L. (2017). O valor dos valores: a perspectiva de pais em relação a seus filhos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(1), 55-75. DOI:10.5433/2236-6407.2017v8n1p55.
- Strauss, C. (1992). *Models and motives*. In D'Andrade, R. G., Strauss, C. (Eds.), Human motives and cultural models (pp. 1-20). New York, NY: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139166515.002>
- Swadźba, S. (2020). Globalization in highly developed countries and reasons for differentiation. *Social Inequalities and Economic Growth*, 62(2), 62-74. DOI: 10.15584/nsawg.2020.2.4
- Takano, Y., & Osaka, E. (1999). An unsupported common view: comparing Japan and the U.S. on individualism/collectivism. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, 311-341. <https://doi.org/10.1111/1467-839X.00043>
- Tam K-P, & Lee S-L. (2010). What Values Do Parents Want to Socialize in Their Children? The Role of Perceived Normative Values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*. 41(2), 175-181. DOI:10.1177/0022022109354379
- Tam K-P., Leung A.K., Kim Y-H., Chiu C-Y., Lau IY., & Au A. K. C. (2012). The Better-Than-Average Effect in Hong Kong and the United States: The Role of Personal Trait Importance and Cultural Trait Importance. *Journal of Cross-*

Cultural Psychology, 43(6), 915-930. DOI:10.1177/0022022112443774

Tam, K.-P., Chan, H.-W. (2015). Parents as cultural middlemen: The role of perceived norms in value socialization by ethnic minority parents. *Journal of Cross-*

Cultural Psychology, 46, 489-507. <https://doi.org/10.1177/0022022115575739>

Tomlinson, M., & Swartz, L. (2003). Imbalances in the Knowledge About Infancy: The Divide Between Rich and Poor Countries. *Infant Mental Health Journal*, 24(6),

547–556. <https://doi.org/10.1002/imhj.10078>

Torres, C. V., Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016). A teoria de valores refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. *Psicologia USP*, 27(2), 341-356. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150045>

Triandis, H. C. (1989). The self and social behavior in differing cultural contexts.

Psychological Review, 96, 506-520.

Triandis, H. C. (2001). The study of cross-cultural management and organization: The future. *International Journal of Cross-cultural Management*, 1(1), 17-20.

Tudge, J. R. H. (2008). *The everyday lives of young children: Culture, class, and child rearing in diverse societies*. Cambridge University Press, NY.

Tudge, J. R. H., Lopes, R. S. C., Piccinini, C. A., Sperb, T. M., Chipenda-Dansokho, S.,

Marin, A., H., Vivian, A. G., Oliveira, D. S., Frizzo, G. B., & Freitas, L. B. L.

(2012). Child-rearing values in southern Brazil: Mutual influences of social class and parent's perceptions of their children's development. *Journal of Family*

Issues, 34(10), 1379-1400. DOI: 10.1177/0192513X12453820

Tudge, J. R. H., Lopes, R. S. C., Piccinini, C. A. (2013) Child-Rearing Values in

Southern Brazil: Mutual Influences of Social Class and Parents' Perceptions of

Their Children's Development. *Journal of Family Issues*, 34(10), 1379-1400.

DOI:10.1177/0192513X12453820

Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., Seidl-de-Moura, M. L., Mokrova, I. L., Kiang, L., & Payir, A. (2014). The Related Autonomous Separate Heteronomous (RASH) Scale. Unpublished instrument. Porto Alegre, Brazil.

Tudge, J. R. H., Freitas, L. B. L., O'Brien, L. T., & Mokrova, I. L. (2018). Methods for studying the virtue of gratitude, cross-culturally. In *Cross-Cultural Research, Special Issue on Crosscultural variations in the development of the virtue of gratitude* (Eds. E. A. Merçon-Vargas, K. Poelker, & J. R. H. Tudge), 52, 19–30. <https://doi.org/10.1177/1069397117737017>

Tulviste, T. (2013). Socialization values of mothers and fathers: Does the child's age matter? *Trames*, 17(2), 129-140. DOI: 10.3176/tr.2013.2.02

Tulviste, T. & Konstabel, K. (2017). People's age affects what qualities they value in children: A comparison of ethnic Estonians and Russian-speaking minority across time. *Trames. Journal of the Humanities and Social Sciences*. 21(4), 299-312. DOI: 10.3176/tr.2017.4.01.

Tuulik, K., Õunapuu, T., Kuimet, K., Titov, E. (2016). Rokeach's instrumental and terminal values as descriptors of modern organization values. *International Journal of Organizational Leadership*, 5, 151–161. DOI: 10.33844/ijol.2016.60252

Uzefovsky, F., Döring, A., & Knafo-Noam, A. (2016). Values in Middle Childhood: Social and Genetic Contributions. *Social Development*, 25, 482-502. DOI: 10.1111/sode.12155.

Vandello, J. A., & Cohen, D. (1999). Patterns of individualism and collectivism across the United States. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(2), 279–292. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.77.2.279>

- Vieira, M. L., Martins, G. D. F., & Lordelo, E. R. (2013). Independence and interdependence: The diversity of the Brazilian family from a cultural perspective. *Interamerican Journal of Psychology*, *47*(1), 111-120.
- Wang, R., Liu, H., K=Jiang, J., & Song, Y. (2017). Will materialism lead to happiness? A longitudinal analysis of the mediating role of psychological needs satisfaction. *Personality and Individual Differences*, *105*, 312-317.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.10.014>
- You, S., Lee, J., Lee, Y., & Kim, E. (2018). Gratitude and life satisfaction in early adolescence: The mediating role of social support and emotional difficulties. *Personality and Individual Differences* *130*, 122–128.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.04.005>